

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – IH
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL – SER

Ana Cláudia Oliveira de Jesus

**A relação teoria e prática no cotidiano profissional dos (as) Assistentes
Sociais do HUB**

Brasília 2012



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – IH
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL – SER

Ana Cláudia Oliveira de Jesus

**A relação teoria e prática no cotidiano profissional dos (as) Assistentes
Sociais do HUB**

Trabalho de Conclusão de Curso de Serviço Social
apresentado para obtenção do título de bacharel em
Serviço Social na Universidade de Brasília, sob orientação
da Prof^a. Dr^a Adrianyce Angélica Silva de Sousa.

Brasília, 2012



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – IH
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL – SER

Ana Cláudia Oliveira de Jesus

**A relação teoria e prática no cotidiano profissional dos (as) Assistentes
Sociais do HUB**

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª Adrianyce Angélica Silva de Sousa

Orientadora

SER/UNB

Prof^ª. Dr^ª Daniela Neves de Sousa

SER/UNB

Prof^º. Dr. Reginaldo Giraldelli

SER/UNB

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus por ter tido essa grande conquista de um dia poder ter conseguido entrar na Universidade de Brasília - UnB e hoje está quase finalizando o curso de Serviço Social.

Agradeço as pessoas mais importantes de minha vida, minha mãe Maria Aparecida e meu pai Antonio César que me ajudaram a ter um curso superior e a pensar em mudança para um futuro próximo.

Agradeço também as minhas tias Francisca, Ana Paula, Geralda e Anelice e ao meu irmão César Henrique ao meu primo Tadeu e as minhas avós Maria Aparecida e Vera Lúcia e ao meu avô Sebastião que sempre me apoiaram.

Agradeço as minhas amigas Daiana Merquides; Sarah; Dalila; Yamara Beatriz; Laura Farias e o meu amigo Daniel Sales que de alguma forma contribuíram muito para minha formação seja no incentivo, ou mesmo nas minhas inquietações e desesperos.

A minha orientadora Adrianyce, por toda a dedicação e apoio, e incentivo às reflexões que possibilitaram a realização deste trabalho, principalmente, pela amizade durante esse período de construção intelectual.

À professora Daniela e ao professor Reginaldo por aceitarem fazer parte no processo avaliativo do Trabalho de Conclusão de Curso.

Aos assistentes sociais do HUB que colaboraram para a elaboração deste trabalho.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem por objetivo analisar se e/ou como os/as assistentes sociais do Hospital Universitário de Brasília - HUB apreendem a relação teoria e prática no seu cotidiano profissional. Nosso interesse pelo tema construiu-se a partir da experiência na Iniciação Científica, onde apreendemos a importância para o debate do Serviço Social das dimensões teórico-metodológicas e técnico-operativas mediadas pela dimensão ético-política. Essa discussão vem aparecendo no debate profissional em retornos de compreensões equivocadas que estabelecem uma dicotomia entre a teoria e a prática, trazendo problematizações para os avanços profissionais construídos ao longo das últimas décadas. Para tanto nosso trabalho desenvolveu-se metodologicamente a partir da revisão bibliográfica e da realização de entrevista orientadas por um questionário junto as Assistentes Sociais do HUB. Hoje no HUB, existem 15 Assistentes Sociais alocadas nos diversos ambulatórios do hospital, nossa pesquisa de campo contemplou uma profissional de cada ambulatório totalizando 11 entrevistas. Nossa pesquisa demonstra que existe certa incompreensão entre esses (as) profissionais a respeito da relação teoria e prática e, que esta precisa ser mais amplamente discutida.

Palavras – Chaves: Trabalho Profissional; Cotidiano Profissional; Teoria e Prática; Serviço Social.

ABSTRACT

This Labor Completion of course is to analyze whether and / or how / social workers at the University Hospital of Brasília - HUB grasp the theory and practice in their daily work. Our interest in the subject was constructed from experience on Undergraduate Research, where we learn the importance to the discussion of Social dimensions of theoretical, methodological and technical-operative mediated ethical-political dimension. This discussion has been appearing in professional debate returns misunderstandings establishing a dichotomy between theory and practice, bringing to the professional advancement problematizations built over the past decades. Therefore our work is methodologically developed from the literature review and conducting interviews guided by a questionnaire at the HUB of Social Workers. Today at the HUB, there are 15 social workers assigned in different clinics of the hospital, our field research contemplated a professional clinic each totaling 11 interviews. Our research shows that there is some misunderstanding between them (as) professionals about the relationship between theory and practice, and that this needs to be more widely discussed.

Key Words: Professional Work; Everyday Professional; Theory and Practice; Social Service.

SIGLAS E ABREVIATURAS

CACON – Centro de Auto Complexidade em Oncologia

DASA – Diretoria Adjunta de Serviços Assistenciais

DSS/HUB – Divisão de Serviço Social do Hospital Universitário de Brasília

EBSERH – Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares

HDA – Hospital Docente Assistencial

HUB – Hospital Universitário de Brasília

HSU – Hospital dos Serviços da União

INAMPS – Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social

IPASE – Instituto de Pensões e Aposentadorias dos Serviços do Estado

MPAS – Ministério da Previdência e Assistência Social

SEAD – HUB – Serviço de Estudos e Atenção a Usuários de Álcool e outras Drogas no
Hospital Universitário de Brasília

SINPAS – Sistema Nacional de Previdência e Assistência Social

SUAS – Sistema Único de Assistência Social

SUS – Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO 1: A relação teoria e prática: por que articular é preciso?	13
1.1- A concepção marxiana da relação entre teoria e prática.	14
1.2- O debate da teoria e da prática no Serviço Social: uma falsa dicotomia.	20
CAPÍTULO 2: O Cotidiano como esfera de realização do Trabalho Profissional	37
2.1. Localizando o entendimento da categoria cotidiano em Lukács	38
2.2- O cotidiano como espaço da intervenção profissional: limites e possibilidades.....	42
CAPÍTULO 3: Uma análise do trabalho profissional no Hospital Universitário de Brasília	49
3.1. O trabalho desenvolvido pelos profissionais de Serviço Social no HUB: um breve histórico.	50
3.2. A percepção dos fundamentos teórico-metodológico e a dimensão técnico-operativa para os/as profissionais do HUB	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	65
APÊNDICES	
Apêndice 01 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	69
Apêndice 02 – Questionário de Entrevista	70

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso teve como eixo central analisar como e se os/as assistentes sociais do Hospital Universitário de Brasília - HUB apreendem a relação teoria e prática no seu cotidiano profissional.

O principal interesse pelo tema foi sendo construído ao longo da minha formação acadêmica e consolidou-se a partir dos dois anos de Iniciação Científica onde desenvolvemos o plano de trabalho intitulado “Serviço Social e Trabalho: uma análise do debate teórico acerca da categoria “trabalho” no Curso de Serviço Social da UNB”. No curso desta pesquisa identificamos que as dimensões técnico-operativa e teórico-metodológico assumem fundamental importância para o trabalho do/da assistente social e que existem problematizações históricas dentro da profissão acerca do tema.

Esta compreensão nos leva a analisar o projeto ético-político profissional e a articulação dos eixos para o desenvolvimento das competências e habilidades dos/ das assistentes sociais e da necessidade de um aprofundamento crítico que possibilite no trabalho profissional o desenvolvimento das dimensões teórico-metodológicas, ético-político e técnico-operativo.

Entre os/as assistentes sociais é frequente o discurso de que “a teoria não responde as necessidades da ação prática” ou que “o que aprendemos na universidade é muito distante da realidade profissional”, o que revela resquícios de uma fragilidade de fundamentação teórico-metodológica, o que na nossa avaliação tem impacto significativo numa atuação crítica e competente. Os limites se desvelam pela falta de clareza dos fundamentos que orientam o trabalho profissional, prevalecendo posturas conservadoras, autoritárias, discriminatórias, tecnocratas e clientelistas, enfraquecendo o projeto ético-político cuja defesa da liberdade e da emancipação dos sujeitos sociais são centrais.

Na Ontologia do Ser social, a prática ocupa lugar central, pois, o Ser social através de suas práticas, constrói e modifica a história bem como é construído e modificado por ela. Isto não quer dizer, contudo, que a prática apareça no método de Marx como categoria suprema e/ou superior em relação à teoria, pois a teoria e prática não podem se dissociar, por existir entre elas uma relação dialética.

É a partir das ações práticas dos homens que o conhecimento sobre as mesmas é construído, ou seja, a ação prática produz o conhecimento teórico, a teoria pode então

ser concebida como o conhecimento ou a tentativa de conhecimento sobre as ações práticas dos homens.

De acordo com Yamamoto (2000), “todo trabalho implica certo saber sobre os homens em suas relações sociais e pessoais, como condições de induzir o sujeito a efetuar os propósitos desejados.” aquele que trabalha constrói para si, por meio de sua atividade uma maneira essencialmente humana de se relacionar com as situações objetivamente existentes, delas se adequando tendo em vista a criação de objetos capazes de desempenhar funções sociais.

Sendo assim, Santos afirma que somente quando se tem um procedimento teórico sobre a prática é que ela poderá expressar uma teoria, a qual só poderá modificar a prática quando for utilizada para projetá-la e avaliá-la, ou seja: o âmbito da prática é o da efetividade da ação sobre o mundo e o âmbito da teoria é o de criar finalidades ou resultados ideais para a ação (p.54, 2010).

Posto isto entendemos que a relevância do tema em questão reside justamente no fato de que discutir a relação teoria e prática não é uma proposta inusitada e nem conclusiva, mas se faz necessária, na medida em que, por meio da elucidação das contradições existentes no movimento da ação profissional, crie possibilidade de influir sobre a atuação profissional (Revista UNIESP, 2009).

Em qualquer trabalho desenvolvido no universo institucional, é de suma importância uma ação consciente e refletida, que não se deixe levar unicamente pela cotidianidade, que muitas vezes configura-se como uma porta aberta para alienação e que só pode ser superada por meio de um trabalho crítico-reflexivo.

Segundo Yamamoto, “um dos maiores desafios que o Assistente Social vive no presente é desenvolver sua capacidade de decifrar a realidade e construir propostas de trabalho criativas e capazes de preservar e efetivar direitos, a partir das demandas emergentes no cotidiano” (2003, p. 20).

Portanto, é preciso que os/as Assistentes Sociais estejam permanentemente imprimindo na ação e no conhecimento da realidade, uma atitude investigativa para garantir maior rigor e consistência teórico-metodológica no cotidiano da intervenção. Ressaltamos que a atividade teórica, em essência, se distingue da prática, mas “proporciona um conhecimento indispensável para a transformação da realidade, ou traça finalidades que antecipam idealmente sua transformação” (VASQUEZ, 1977, p.203)

Para a realização de nossa pesquisa utilizamos técnicas qualitativas de pesquisa centradas em dois eixos fundamentais: O primeiro eixo o da análise bibliográfica, que por se tratar de um tema pouco desenvolvido na área utilizamos livros, artigos e anais de eventos cujo objeto central seja os instrumentos e técnicas da intervenção profissional. Consideramos que este caminho possibilitou um mapeamento crítico para localizar subsídios que possibilitassem a análise deste debate no Serviço Social. E o segundo eixo foi constituído da realização de aplicação de questionários, com os/as assistentes sociais. A aplicação dos questionários consistiu de perguntas semi-estruturadas.

Por motivos éticos, foi mantido o sigilo à identidade de cada profissional. Todos os profissionais foram esclarecidos sobre a finalidade deste estudo, qual o seu tema e como se daria a sua realização. Após devidamente informados, tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, em concordância, assinariam o documento, atestando a entrevista e as diretrizes da pesquisa.

Deste modo, este trabalho teve como campo de pesquisa o Hospital Universitário de Brasília que é componente da Universidade de Brasília (UnB) e nele especificamente nos centramos no trabalho dos/as assistentes sociais. Estes/as profissionais totalizam um número de 15 que estão alocadas em 10 ambulatórios e assim distribuídas: 02 estão no Centro de Serviço Social (CSS), 02 no Centro de Alta Complexidade em Oncologia (CACON), 02 na Dermatologia, 02 na Clínica Médica, 01 na Clínica Cirúrgica, 01 no Implante Coclear, 01 na Obesidade, 01 na Convivência, 02 no Serviço de Estudo e Atenção aos Usuários de Álcool e outras Drogas (SEAD), 01 na Geriatria. Em nossa pesquisa buscamos garantir a diversidade de inserções do/a assistente social no HUB, dessa forma, realizamos um total de 11 entrevistas sendo 01 (uma) profissional de cada ambulatório.

Assim, este Trabalho de Conclusão de Curso está estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo intitulado “*A relação teoria e prática: por que articular é preciso?*” abordamos a concepção marxiana da relação entre teoria e prática e problematizamos a falsa dicotomia no debate da relação entre teoria e prática no Serviço Social.

No segundo capítulo, “*O cotidiano como esfera de realização do Trabalho Profissional*” localizamos o entendimento da categoria cotidiano em Lukács e também analisamos o cotidiano como espaço da intervenção profissional para assim identificar os seus limites e possibilidades.

O terceiro capítulo “*Uma análise do trabalho profissional no Hospital Universitário de Brasília*” verificamos o trabalho desenvolvido pelos/as profissionais de Serviço Social no HUB com o objetivo de identificar a percepção dos fundamentos teórico-metodológico e a dimensão técnico-operativa para esses/as profissionais.

CAPÍTULO 1:

A relação teoria e prática: por que articular é preciso?

1.1. A Concepção Marxiana da Relação entre Teoria e Prática.

Marx dizia nas *Teses sobre Feuerbach* que “... os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo” (2007, p. 535). Neste sentido, a teoria social de Marx mostra-se socialmente referenciada num projeto revolucionário.

Marx direciona as suas pesquisas para a análise concreta da moderna sociedade burguesa. Por conseguinte, pode se confrontar com o enigma fundamental da pesquisa marxiana: o modo de produção capitalista em sua formação, materialização, desenvolvimento e as condições das suas crises.

Dessa forma, o método em Marx é o movimento da realidade captado e expresso na teoria: “é o método do desenvolvimento e da explicitação dos fenômenos culturais partindo da atividade prática objetiva do homem histórico”. (KOSIK apud SANTOS, 2010, p.18). Em outras palavras, para Marx, o método é a capacidade da razão de apreender o modo de ser e se reproduzir da sociedade, nomeadamente do ser que lhe é próprio: o ser social que impõe o método como caminho para se reproduzir idealmente a concretude real (cf. Netto, 1989).

Desse modo, Lefebvre afirma que para o método de investigação de Marx apossar-se do real é ir para além do imediato, do sensível, para que se possa alcançar conhecimentos mediatos que são pensamentos e idéias – através da inteligência e da razão. Parte-se do sensível, do empírico, para superá-lo. As idéias devem ser situadas no real, o qual se constitui dos produtos da ação prática dos homens, por isso, penetrar no real é:

atingir pelo pensamento um conjunto cada vez mais amplo de relações, de detalhes, de elementos, de particularidades, captadas numa totalidade. Esse conjunto, essa totalidade, por outro lado, jamais podem coincidir com a totalidade do real, com o mundo. O ato do pensamento destacada da totalidade do real, mediante um recorte real ou “ideal”, aquilo que é corretamente chamado de um “objeto de pensamento”. Um tal produto abstrato do pensamento não apresenta nada mais misterioso que um produto da ação prática. (LEFEBVRE apud SANTOS, 2010, p.19).

Portanto, para superar essa relação imediata, deve-se ir ao nível da consciência onde a atividade fica enriquecida por mediações que agem de forma bem articulada e assim não ocorrendo qualquer estagnação. Ou seja, é com a consciência que o homem

ao formar conceitos, produzirá respostas enriquecidas que ao retornarem a concretude podem servir de orientação para a ação efetiva.

Assim, segundo Quiroga, a consciência é produto do ser social e, a partir dessa consciência, o homem intervém para modificar a realidade, que, primeiramente, gerou sua própria consciência. O conhecimento da realidade não é, pois, mero reflexo da realidade no pensamento. Ao captá-la, o homem a retém e elabora, utilizando como elemento dessa elaboração um conhecimento acumulado. Assim, a síntese da relação entre realidade e pensamento é superior à simples transposição mecânica da realidade para o pensamento. (1991, p.75-76).

De acordo com Marx, a teoria não se restringe ao exame das formas dadas de um objeto, com o pesquisador narrando-o detalhadamente e construindo modelos explicativos para assim dar conta por meio de presunções que apontam para relações de causa/efeito de seu movimento real, tal como acontece nos métodos da reminiscência empirista e/ou positivista.

Para Marx, a teoria é o movimento real, ou seja, um movimento que busca captar a essência dos fenômenos e por isso necessariamente ontológico, pois só assim pode o pesquisador “capturar” o objeto. Porém, essa forma de transposição não age refletindo mecanicamente como se o pensamento fosse um espelho refletindo uma imagem que tem perante a si. Se caso ocorresse assim, o pesquisador agiria no processo de conhecimento de forma puramente passiva, agindo contrariamente à Marx. Para ele o pesquisador tem que possuir um papel fundamentalmente ativo, sendo capaz de mobilizar um máximo de conhecimentos e dotado de criatividade e imaginação.

De acordo com Marx, o objeto da pesquisa, que no seu caso era a sociedade burguesa, tem existência objetiva; não dependendo do sujeito e nem mesmo do pesquisador para existir.

A finalidade do pesquisador, indo além da aparência fenomênica, imediata e empírica, por onde basicamente dá início o conhecimento, sendo essa que tem aparência um componente da realidade, mas que não a expõe na sua totalidade; superando este fenomênico que não é descartado, mas que deve ser superado na busca de atingir-se a essência¹ (estrutura e dinâmica) do objeto.

¹ Para Marx, a distinção entre aparência e essência é de suma importância. Para ele, se a essência e a aparência coincidissem de forma imediata, toda ciência seria desnecessária. Assim: “As verdades científicas serão sempre paradoxais se julgadas pela experiência de todos os dias, a qual somente capta a aparência enganadora das coisas” (MARX, apud NETTO 1982, p. 158).

Para Marx, a busca da essência é um princípio fundamental, ou seja, ele parte do conhecimento empírico, mas não o toma como conhecimento do real. O empírico é, para ele, um nível necessário do real, mas que tem de ser superado pela razão. Ou, nas palavras de Kosik (1989), a dialética trata da “coisa em si”, e essa não se manifesta imediatamente ao homem, para conhecê-la é necessário um esforço, ou seja, supõem superar a aparência do fenômeno tal como ele se apresenta e chegar à saturação de suas determinações chegando à essência do fenômeno.

O processo de conhecimento realizado a partir da imediatez tem dois momentos, que Marx elucida como o “caminho de ida” ponto de partida e o “caminho de volta” ponto de chegada. O caminho de ida é o primeiro momento: o momento em que se depara com a “representação caótica do todo”, pois ainda não se entrou em contato com as várias determinações que constituem esse todo, não se alcançou a universalidade. Nesse momento, o concreto se mostra na sua aparência. Assim, o concreto é aquilo que se quer alcançar, que se quer compreender; portanto, ele é o resultado a que se quer chegar. Contudo, ele é ao mesmo tempo, o ponto de partida, uma vez que é a partir dessa observação imediata que se buscam suas múltiplas determinações para conhecê-lo em sua singularidade, particularidade e universalidade, tendo em vista a concepção de totalidade. É a partir das representações que se inicia o processo do pensamento.

A teoria marxiana tem uma especificidade na medida em que é a única teoria que resgata a totalidade e por conceber as ideias enquanto produtos das relações de produção: A prática é anterior à consciência por necessariamente fazer parte de um desenvolvimento histórico. Ao preceder a teoria, pode-se deduzir que há uma relativa autonomia entre teoria e prática e nessa autonomia a prática antecede a teoria porque é mais dinâmica. Se a prática humana é mais dinâmica que a teoria, essa será sempre “aproximativa”. A própria teoria explica essa relação de unidade e de autonomia entre teoria e prática. O processo de investigação deve, portanto, ser constante para se apreender o maior número de determinações possíveis a fim de que o sujeito (a razão) se aproxime cada vez mais do objeto (a ser conhecido).

Para Marx, o processo de investigação não modifica necessariamente o dado. Essa afirmativa significa que a teoria não passa de imediato, à prática, uma vez que o dado, o concreto, produto das ações práticas do homem, pode continuar o mesmo no

plano empírico. Ou seja, o que a teoria modifica, de imediato, é o conhecimento que se tem sobre o concreto, não o próprio concreto.

A relação sujeito/objeto no processo do conhecimento teórico não é uma relação de externalidade e sim de uma relação em que o sujeito está implicado no objeto. Assim, a pesquisa e a teoria que dela deriva da sociedade elimina qualquer pretensão de “neutralidade”, geralmente identificada com “objetividade”.

Dessa forma, o método configura uma determinada perspectiva, uma relação que permite ao sujeito apreender o movimento do objeto, o movimento da realidade em sua totalidade. Ele busca a conexão interna e necessária entre os fenômenos. O método de Marx é aquele no qual o pensamento apropria do objeto.

Marx sustenta que teoria é a reprodução ideal do movimento real do objeto (a ser conhecido), dessa forma:

a minha consciência geral é apenas a figura teórica daquilo do qual a coletividade real, o ser social, é a figura viva, ao passo que hoje em dia a consciência geral é uma abstração da vida efetivamente real e como tal se defronta inimiga a esta. Por conseguinte, a atividade da minha consciência geral – como uma tal atividade – também é a minha existência teórica como ser social (MARX apud SANTOS, 2010 p.25).

Sendo assim, a teoria é reprodução do objeto no sentido do objeto já ser um produto e também um componente da realidade, já existir, ou seja, a teoria o reconstitui pelo pensamento. A sua produção não é dada pela consciência, mas na prática, podendo ser, no entanto, reproduzido no campo da razão a partir do momento em que o objeto do conhecimento já permanece no mundo.

De acordo com essa afirmativa, Netto (1989), fortalece o entendimento de que a reflexão teórica não “constrói” um objeto, ela é um instrumento de análise do real: “o produto teórico por excelência, é uma reprodução ideal de um processo real”. Apesar de formarem um vínculo intenso e profundo e se complementarem, a relação entre teoria e prática há diferença.

Em relação à prática, Marx indica que a práxis² aparecerá como fundamento, critério de verdade e finalidade do conhecimento: “é na práxis que o homem precisa

² O mundo da práxis humana é o mundo real, o qual é considerado segundo Kosik como: a compreensão da realidade humano-social como unidade de produção e produto, de sujeito, de gênese e estrutura (...), é um mundo em que as coisas, as relações e os significados são considerados como produtos do homem social, o próprio homem se revela como sujeito real do mundo social. (KOSIK apud SANTOS, 2010, p. 39).

provar a verdade, isto é, a realidade e a força, a terranidade do seu pensamento. A discussão sobre a realidade ou a irrealidade do pensamento isolado da práxis é puramente escolástica”. (MARX e ENGELS, 2001, p.100). Aqui, o conhecimento é avaliado como o conhecimento de um mundo criado pelo homem, ou seja, inexistente, fora da história. O objeto é visto como um produto da atividade subjetiva, apreendida como atividade real, objetiva, material. O conhecimento é idealizado em relação a essa atividade, como conhecimento de objetos determinados por uma atividade prática da qual a atividade pensante, da consciência, não pode ser afastada.

As diversas formas de conhecimento acham seu alcance e sentido na vinculação com a atividade prática, percebida como a existência material, social e espiritual do homem. Nesse sentido, a prática é o lugar onde se determina, efetiva-se e se confronta o conhecimento, sendo a localidade onde a realidade se põe.

A prática origina até onde pode se desenvolver o conhecimento visto estar ele anexado às necessidades materiais, produtivas, práticas do homem social. A prática, no sentido do materialismo dialético, é uma forma especificamente humana de atividade e tem caráter material. Neste processo de interação prática os resultados dele podem ser observados, direta ou indiretamente, através da contemplação empírica, e se muda o objeto e, ao mesmo tempo, muda o próprio sujeito (KOPNIN, 1978, p. 168).

Dessa forma, o que diferencia a prática é ser uma ação direcionada a um objeto com a finalidade de transformá-lo em algo inicialmente previsto – mesmo que não se tenha consciência dessa finalidade –, ou seja, já se tem uma implicação ideal ou uma finalidade, porém, o resultado final é um produto efetivo, real, que nem sempre é aquele imaginado. Deste modo, a prática sugere, fundamentalmente, objetivação.

Já a teoria no materialismo histórico-dialético, é o campo da produção de conhecimentos, da antecipação ideal, da possibilidade. É um desencadeador de finalidades ou de efeitos ideais para a ação. É a forma de organização do conhecimento científico que nos proporciona um quadro integral de leis, de conexões e de relações substanciais num determinado domínio da realidade.

Produzir finalidades para a prática, demanda de certa forma, determinados conhecimentos da realidade sobre a qual se deseja intervir. Modificar a finalidade em resultado implica, também, um conhecimento do seu objeto. É a teoria que proporciona a análise das experiências, o estudo das condições objetivas.

A teoria se restringe em poder dar o conhecimento da realidade que é objeto da transformação; o conhecimento dos ambientes e de seu emprego com os quais se concretiza essa transformação; o conhecimento da prática acumulada em forma de teoria; a finalidade ou a antecipação dos efeitos objetivos que se pretende atingir; e, no decorrer do processo prático, um atendimento às necessidades que irão aparecendo com a resistência da matéria a ser modificada, e que vai ocasionando efeitos inesperados.

A teoria consiste também num conjunto de princípios e exigências conectadas que norteiam os homens no processo de conhecimento e na atividade transformadora. O conhecimento visa à transformação que é a prática social.

Nestes termos, a práxis, ou a prática social, é unidade da teoria e da prática. É o mundo material social elaborado e organizado pelo ser humano no desenvolvimento de sua existência como ser racional. Esse mundo material social, ou conjunto de fenômenos materiais sociais, está em constante movimento, organizando-se e reorganizando-se perpetuamente. Na existência real o ser humano, como ser social, realiza uma atividade prática, objetiva, que está fora de sua consciência, e que visa à transformação da natureza, da sociedade. Este processo de mudanças fundamentais ou não, se realiza através dos seres humanos, das classes sociais, dos grupos e dos indivíduos.

O homem é um ser ativo e suas atividades geram objetivações, as quais são as expressões do caráter prático e social do homem. Sendo assim, as objetivações abrangem prática, visto que o homem só existe na relação prática com a natureza, e são teóricas na medida em que essa relação é teleológica. Logo, a transformação da natureza pelo homem (atividade objetiva) e, por sua vez, a transformação do homem pela natureza (atividade subjetiva) são o universo da práxis humana. O trabalho é considerado, então, a forma primária e central de objetivação humana.

Para Vázquez, na praxis, a atividade prática integra o subjetivo num processo objetivo. Assim, a praxis é subjetiva e objetiva, é dependente e independente de sua consciência, é ideal e material, é uma unidade indissolúvel entre esses elementos. Sob esse ângulo, a relação teoria e prática se conjugam na e pela praxis.

Dessa forma, segundo Lukács, cada praxis é imediatamente dirigida para alcançar um determinado fim concreto. Precisa, portanto, conhecer a verdadeira constituição daqueles objetos que servem de meio para tal finalidade, onde na

constituição entram também as relações, as possíveis consequências, etc. Portanto a praxis é inseparável do conhecimento (LUKÁCS apud SANTOS, 2010, p. 65).

1.2. O Debate da Teoria e da Prática no Serviço Social: Uma Falsa Dicotomia.

Entre os/as assistentes sociais é frequente o discurso da dicotomia entre a teoria e prática, o que revela resquícios de uma fragilidade de fundamentação teórico-metodológica no marco da tradição marxista que decorre em fragilidades técnico-operativas. Os limites se desvelam pela falta de clareza dos fundamentos que orientam o trabalho profissional, prevalecendo posturas conservadoras, autoritárias, discriminatórias, tecnocratas e clientelistas, enfraquecendo o projeto ético-político cuja defesa de liberdade e da emancipação dos sujeitos sociais são centrais.

Essa falta de clareza dos fundamentos ocorre devido às próprias influências que o Serviço Social teve na sua trajetória histórica inserida no contexto social que marcou sua emergência e institucionalização na sociedade brasileira.

Dessa forma, iremos abordar as influências marcantes para que essa profissão se visse em um dilema em relação à teoria e a prática que perpassa desde a formação profissional até ao próprio agir profissional, contribuindo para que o/a assistente social, no seu trabalho cotidiano priorize o “saber fazer” desarticulado do questionamento sobre “por que fazer” (cf. Santos, 2010).

O Serviço Social conecta-se as demandas sócio-históricas que advêm sobre o enfrentamento das sequelas da “questão social”, por parte do Estado e das classes dominantes, no contexto do capitalismo monopolista. É plausível avaliar que essas consignações são universais, mas que só permanecem pela intervenção de suas formas históricas particulares.

No caso do Brasil, não tivemos o capitalismo monopolista, porém tivemos a forma clássica, deste modo, as primeiras escolas de Serviço Social no Brasil fundaram-se na influência europeia, especificamente franco-belga. Essa corrente conservadora tinha como base a concepção *o indivíduo como culpado pela sua condição de vida*, que articulada às ideologias da igreja católica sob os princípios do neotomismo, produzia uma ação que tinha como princípio uma intervenção com caráter moralizador e individualista. O neotomismo é um pensamento filosófico de base teológica e possui como pressuposto que a existência de Deus confere uma hierarquia aos valores morais. Os princípios do neotomismo concebiam a sociedade e as relações sociais como

estruturas inalteradas, um processo natural e que não competiria ao homem questioná-las por apresentarem como necessárias à “harmonia” do conjunto social, cuja realização levaria ao “bem comum”. (cf. Barroco, 2008).

O enfrentamento moral das “sequelas” da “questão social” é uma forma de resposta a métodos objetivamente estabelecidos na reprodução do capital e do trabalho, expressando a despolitização de seus embasamentos práticos, ou seja, do seu significado socioeconômico e ídeo-político. Em suas determinações ético-políticas, é uma forma de moralismo, sustentada ideologicamente pelo conservadorismo moral. “O conservadorismo moral é uma forma de alienação moral: que reproduz o preconceito e se opõem à liberdade” (cf. Barroco, 2008).

Assim Barroco afirma:

a presença do conservadorismo moral, no contexto de origem do Serviço Social, é evidenciada: na formação profissional, no projeto social da Igreja Católica e na cultura brasileira, através das ideias positivistas. A vivência cotidiana, orientada por seus pressupostos valorativos, tende a reproduzir a alienação moral, em seus aspectos já assinalados: a repartição acrítica dos valores, a assimilação rígida dos preceitos e modos de comportamento, o pensamento ultrageneralizador, o preconceito, o conformismo, a discriminação, tendo em vista a não aceitação do que não se adéqua aos padrões de comportamento estereotipados como “corretos”. (2008, p. 74).

O positivismo ganhou influências das principais tendências intelectuais e filosóficas que transitaram pelo século XVIII, dentre elas, o Iluminismo, o Enciclopedismo e o Empirismo inglês. Das duas iniciais, resgatou o entusiasmo advindo do auge das ciências da natureza; a confiança nas possibilidades do conhecimento científico como forma de domínio do progresso e da natureza; a importância da sensação como artefato de apreensão de conhecimento em face da especulação racional, considerado um modo distinto de aproximar-se à realidade, que se presume racional. Já ao empirismo inglês, a influência se deu na concepção de que a ciência deve fundamentar-se na experiência, na observação dos fatos e não em especulações; o combate ao apriorismo, ou seja, ao conhecimento pela razão, conforme princípios racionais e não com base somente na experiência; não distinção entre a lógica das ciências naturais e matemáticas e a lógica das ciências humanas, dessa forma, todas consideradas ramos de uma mesma conexão.

Assim, Marcuse afirma:

todos os conceitos científicos deviam ser subordinados aos fatos. Os primeiros deviam simplesmente manifestar a conexão real entre os últimos. Os fatos e suas conexões representavam uma ordem inexorável que compreendia os fenômenos sociais e naturais. As leis [reveladas por este estilo de pensar] eram positivas também no sentido de afirmarem a ordem estabelecida como base para a negação da necessidade de construção de uma nova ordem. [Tais leis não excluem] a necessidade de reforma e de mudança [... que] são parte do mecanismo da ordem estabelecida, de modo que esta progride suavemente para um estado mais alto, sem ter de começar por ser destruída (MARCUSE apud NETTO, 2009, p.43-44).

Dessa forma, prevalecendo às características fundamentais do neotomismo, coesão doutrinal, plenitude, docilidade ao real, respeito à tradição, possibilidade de progresso, subserviência à autoridade e ao Estado vinculado com o positivismo justificava a posição inicial do Serviço Social brasileiro do não questionamento da ordem vigente e de buscar, sempre, apenas, reformar a sociedade, melhorando consequentemente a ordem vigente.

Assim, Quiroga baseando-se em Lowy afirma que a palavra “positivo” no sentido dado pelos precursores do positivismo, só pode ser entendida enquanto oposição “às perigosas teorias negativas, críticas, destrutivas, dissolventes, subversivas, em uma palavra, revolucionárias, da filosofia das luzes, da Revolução Francesa e do Socialismo” (LOWY apud QUIROGA, 1991, p. 48).

No caso do Serviço Social a tese de Quiroga lança luzes para entender a perda da articulação dialética entre teoria e prática, quando a mesma destaca elementos que, fundados no seio do positivismo de Comte e de Émile Durkheim impregnaram as interpretações do marxismo.

Cabe, portanto, destacar que em Comte por meio da filosofia positiva retira-se o entendimento da sociedade conduzida por leis naturais, imutáveis que necessitavam serem descobertas através de observações positivas. Consequentemente, dado o *espírito positivo*, seu pensamento dá mais destaque ao estudo das leis imutáveis dos fenômenos do que ao entendimento de suas determinações. Ao igualar o estudo da sociedade ao estudo da natureza, adota como modelo a ciência natural, assim, dando a ideia de fenômenos interdependentes dentro de um sistema funcional organicamente composto. O que levado a cabo para a análise da sociedade em constituição no seu tempo, a sociedade burguesa, significa a própria expressão no pensamento da apologia a esta lógica e a sua impossibilidade de superação da mesma (cf. Netto, 2009). Em outras

palavras, devido a essa assimilação a respeito do estudo da sociedade com o estudo da natureza que leva à busca de leis sociais equivalentes às leis da física, suprime o papel da prática social como componente causador de mudanças na sociedade.

Em sua obra, Comte enfatizava uma posição de resignação a respeito da sociedade em possuir uma ordem natural e na qual o homem deve submeter-se. Agindo dessa forma, pode-se notar que a resignação promovia a aceitação de leis naturais que concretizavam a ordem vigente. Por exemplo, verifica-se em sua construção argumentativa diversas vezes a expressão dos fenômenos sociais como decorrentes dessas leis sociais imutáveis, como por exemplo, ao fato da concentração de capital.

Com a finalidade de fortalecimento da ordem social combate-se qualquer teoria revolucionária e todas as forças se dirigem numa renovação moral da sociedade. A transformação da sociedade ocorre necessariamente por um refazer dos costumes, uma reforma intelectual do homem, e exceto pela alteração de suas instituições. A sociedade se transforma por meio da visão de progresso como uma construção da própria ordem, sem extermínio da ordenação vigente, num processo evolutivo.

Segundo Quiroga, a lei dos três estados de Comte demonstra essa visão do desenvolvimento histórico da sociedade. Para ele, essa grande lei explica o “desenvolvimento total da inteligência humana em suas diversas esferas de atividade”, destacando que esse e todos os conhecimentos passam sucessivamente por três estados históricos distintos: o teológico, o metafísico, ou abstrato, e o científico, ou positivo. Esses três estados se expressam não apenas nas formas por que, sucessivamente, toda investigação passa, como também pela própria evolução da humanidade (1991, p.51).

Assim sendo, no estado teológico prevaleciam as concepções espontâneas, não sujeitas à prova; no metafísico, a dominância é das abstrações e de princípios racionais e no positivismo prevalecia à análise fundamentada da realidade externa, proferindo-se as relações entre os fenômenos.

No caso de Durkheim, que incorpora muitas das preocupações presentes no pensamento de Comte, a sua compreensão de “ciência positiva” passava por um estudo ordenado que estabelecesse leis provenientes da experimentação.

Assim para ele, Comte não realizou realmente a ciência positiva, por ter permanecido aprisionado em conceitos gerais a respeito da sociedade, não esclarecendo

o próprio objeto da sociologia, que são os fatos sociais³, e não realizando a observação, a experimentação e em último caso o método comparativo que são as questões atinentes ao método de conhecimento desse objeto.

Durkheim tratava os fenômenos sociais como *coisas* e para ele, a sociologia até então, antes dessa sua forma de tratar os fenômenos, ia das ideias para as coisas, e não das coisas para as ideias, sendo assim, tratando com conceitos. Por conseguinte, não daria para atingir a objetividade imprescindível à ciência, porque os conceitos, e assim como também, as noções não podem substituir as coisas. Logo, por considerar os fatos como coisas acabam se constituindo como a primeira regra básica de seu método e surge por meio da oposição à ideia.

Segundo Quiroga (1991), ao tratar os fatos sociais como *coisas* não significa para Durkheim, reduzi-los às suas propriedades gerais da matéria, mas captá-los na imaterialidade *sui generis* que os caracteriza. Nesse sentido, ele não qualifica seu método de materialista.

Durkheim tinha como disposição transformar a formulação apenas teórica em prática. Para que isso ocorresse era preciso ser objetivo, assim ele pregava o afastamento das pré-noções em face dos fatos como condição para a sua compreensão e ser independente de qualquer filosofia. Para ele, a sociologia deveria ser apenas a aplicação do princípio da causalidade aos fenômenos sociais (QUIROGA, 1991, p. 54).

Com o incremento do processo de industrialização, o movimento dos trabalhadores começou a surgir no país, com frequência crescente. Apareciam sinais evidentes de descontentamento e frustração. Ocorriam também movimentos políticos contra a administração pública, considerada ineficiente, inábil e retrógrada, protestando-se contra o status quo e a falta de soluções para as crises sociais, políticas e econômicas.

A organização política dos trabalhadores era visto como um problema para a sociedade capitalista, pois ia contra ao individualismo burguês e ao conservadorismo moral e visto também como uma “desordem social”.

Dessa forma, Barroco afirma que ao ser pensado como uma expressão específica da luta de classes, o tratamento moral da “questão social” possui um significado particular. Assim:

³ Durkheim entende por fato social “toda maneira de agir fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou então ainda, que é geral na extensão de uma sociedade dada, apresentando uma existência própria, independentemente das manifestações individuais que possa ter”.

A “questão social”, datada da segunda metade do século XIX, na Europa ocidental, está organicamente conectada à emergência do cenário político reivindicando direitos sociais. Essas reivindicações são uma expressão específica de lutas mais gerais, de caráter revolucionário, acumuladas pelos trabalhadores, no âmbito da sociedade moderna (2008, p.79).

Ao se pensar sobre a moralização da “questão social”, tem-se uma proposta político-ideológica implícita por um discurso ético que tem como meta o combate a “desordem social” para manter a conservação da burguesia no poder e a defesa da propriedade privada.

No que se refere ao conservadorismo católico, a moral mostra-se como um dos elementos da reforma cristã, pois se entende que, por meio da reatualização dos valores tradicionais, de modos de vida, seja plausível manter a ordem social necessária ao “bem comum”. A moral apresenta-se como um elemento funcional à implementação de programas educativo-assistenciais formulados pelo Estado e viabilizados por vários profissionais, entre eles o assistente social.

Esta reorientação da profissão que demanda a qualificação e sistematização de seu espaço sócio - ocupacional tem como alvo atender às novas configurações do desenvolvimento capitalista e, por conseguinte, às exigências de um Estado que começa a implementar políticas sociais. Nesse contexto, a legitimação do profissional, expressa em seu assalariamento e ocupação de um espaço na divisão sóciotécnica do trabalho, coloca o Serviço Social brasileiro diante da matriz positivista. O impacto dessa incorporação vai se dá na abordagem das relações sociais dos indivíduos no plano de suas vivências imediatas, como fatos que se apresentam em sua objetividade e imediaticidade. Tal perspectiva restringe a visão de teoria ao âmbito do verificável, da experimentação e da fragmentação, assim, a relação entre teoria e prática ganha aspecto dicotômico.

Entretanto, a partir dos anos 1960⁴, iniciou-se no panorama brasileiro e em toda América Latina o desenvolvimento de uma perspectiva crítica ao Serviço Social

⁴ A década de 60 é um momento em que a liberdade emerge como projeto, ora em função de projetos políticos coletivos, ora em termos de uma liberdade individual que tanto propicia um processo de individualização como permite uma reatualização do individualismo. Ao mesmo tempo, as contestações e mobilizações desse contexto fortalecem a participação cívica e a cidadania, o que adquire, em determinados contextos, direcionamentos anticapitalistas e revolucionários. Nesse sentido, a liberdade é parte de uma teleologia orientada para a superação dos seus limites objetivos; esse veio político libertário é particularmente importante para a análise do processo de construção de uma nova moralidade profissional (BARROCO, 2008, p. 103-104).

“tradicional”, através da mobilização de grupos de assistentes sociais que propunham novas experiências de ação profissional, conectadas aos processos e lutas das classes populares por mudanças sociais.

Dessa forma, o Movimento de Reconceituação foi um marco para o Serviço Social latino-americano, especialmente por permitir aos assistentes sociais o reconhecimento da dimensão política de seu trabalho profissional, e o comprometimento ainda que de alguns grupos de assistentes sociais com os interesses dos setores populares.

A Reconceituação trouxe em sua crítica ao assistencialismo e às novas tendências neo-assistencialistas, a possibilidade de aproximação com o marxismo, que só posteriormente, é incorporado como conteúdo de disciplinas no interior de currículos.

É conveniente observar que o movimento de Reconceituação não rompeu radicalmente com a herança conservadora, de cunho positivista, predominante, historicamente, no Serviço Social, o que vai instituir-se num dos fatores explicativos da aproximação tardia da profissão ao debate do marxismo e a sua incorporação, por via de um marxismo positivista, suavizado nos moldes de Althusser⁵. Pode-se, conseqüentemente, afirmar, com base em Quiroga que a Reconceituação induziu a uma ruptura política que não foi seguida por uma ruptura teórica com essa herança conservadora.

Com o início da autocracia burguesa no Brasil, principalmente a partir de 1969, começo da sua fase mais rígida, o Serviço Social teve sua vertente crítica emergente freada e, contraditoriamente, ampliada sua atuação profissional mediante a expansão do mercado de trabalho. Nesse momento, também, foi ampliado o debate profissional acerca das questões teóricas e metodológicas do Serviço Social, numa visão cientificista e tecnicista, calcada numa tendência modernizadora (cf. Netto2009).

Segundo Netto, a vertente modernizadora do Serviço Social foi norteadada pela perspectiva desenvolvimentista, baseando-se teoricamente no estrutural-funcionalismo, que se pauta na manutenção da ordem social estabelecida, onde o desenvolvimento era entendido como superação do atraso. Nessa vertente, cabia ao Serviço Social à adesão

⁵ Segundo QUIROGA, entre os desdobramentos da leitura de Marx feita por Althusser, e que para ela repercutiu no Serviço Social por ter reduzido a proposição marxista, trata-se da separação feita por ele com relação à obra de Marx, a conhecida ideia de corte epistemológico, que expressaria a duas formas distintas de pensar. Isso conduz a uma posição de ruptura entre ciência e ideologia e conseqüentemente, entre ciência e transformação social. (1991).

da população aos programas governamentais, sem uma crítica ao sistema vigente. Porém, apenas a partir da década de 1970, período de “distensão-abertura” da ditadura militar (1974-1985), é que alguns segmentos profissionais começaram a adotar a perspectiva marxista.

Com a meta de retomar e aprofundar a proposta crítica originou-se na profissão um debate ampliado acerca da dimensão político-profissional e de seu compromisso com a população usuária, com a finalidade de romper com a suposta neutralidade da ação profissional, até então concebida.

Obviamente há que considerar os abalos sofridos pelo pensamento conservador no Serviço Social com o processo de renovação profissional. No Brasil, sua vertente mais crítica como denominou Netto (2009) de *intenção de ruptura*, protagonizou a descoberta mesma do conservadorismo, apontando para a possibilidade de construir a profissão sob outra base de legitimidade, conferida pelos usuários dos serviços. (SANTOS, 2007, p.55).

Assim, Santos (2007) afirma:

Foi um giro importante, pois até então a presença do conservadorismo era naturalizada; era como que intrínseca, de tão arraigada na cultura profissional. Embora essa crítica, mesmo com todos os desenvolvimentos que teve até o momento, não seja suficiente para apagar vestígios do conservadorismo do campo do Serviço Social (defendi mesmo que este, aliás, não é o seu objetivo), ela contribuiu para o esclarecimento das relações entre esse e o pensamento conservador, na medida em que desvendou o componente, este sim, intrínseco da profissionalidade do Serviço Social, da divisão sociotécnica do trabalho (*ibidem*).

Dessa forma, a profissão passa a utilizar-se do método dialético, o que lhe permite ampliar a concepção de realidade social e “negar a ação individualizada”. Por outro lado, a propagação inicial dos escritos de Marx foi precária e, quase sempre, sua divulgação se fez por meio de interpretações limitadas, que mal correspondiam às questões por ele colocadas.

Assim, ao estabelecer uma relação com o marxismo os assistentes sociais no seu agir profissional revelam uma falta de compreensão de seus elementos fundamentais, representados pelo método crítico-dialético.

Dessa forma, Santos (2010) em seu livro *Na Prática a Teoria é Outra?* Submete-se a tal pergunta: quando a categoria profissional afirma na prática a teoria é outra, denunciando que a teoria social de Marx não instrumentaliza para a ação, está por

detrás dessa afirmativa uma outra: o movimento de renovação do Serviço Social em sua direção de intenção de ruptura trouxe uma ‘teoria de ruptura’, mas não uma ‘prática de ruptura’, de que prática está se falando? Qual é a concepção de prática embutida nesses enunciados? Já ficou explícito que Marx está se referindo a uma praxis social; ele não trata, especificamente, de uma prática profissional⁶. Será que a categoria está associando, diretamente, prática profissional à praxis social?

Dessa forma, os profissionais que afirmam na prática a teoria é outra, estão necessariamente referindo-se ao trabalho do profissional do Serviço Social e não à praxis social humana. O trabalho profissional não é uma praxis social estritamente, mais uma parte desta práxis social que possui posições teleológicas secundárias na qual exercem importante papel na produção e reprodução das relações sociais, no tornar-se social do homem.

Assim, é interessante salientar que existem diferenças fundamentais, e não podem ser consideradas como idênticas, a prática social no conceito do materialismo dialético com a prática ou estágio que realizam os estudantes de medicina, pedagogia, enfermagem etc. A prática “refere-se sempre à totalidade do processo social de atividade material e não as atividades individuais” (WITTICH apud TRIVINOS, 2006, p.124).

De acordo com Vázquez, a práxis pode ser de vários tipos: produtiva, criativa e social ou revolucionária. Dito de outro modo: a matéria-prima da atividade prática pode mudar dando lugar a diversas formas de práxis. O objeto sobre o qual o sujeito exerce sua ação pode ser: o fornecido naturalmente, ou entes naturais; produtos de uma práxis anterior que se convertem, por sua vez, em matéria de uma nova práxis, com os materiais já preparados com que trabalha o operário ou com que cria o artista plástico; o humano mesmo quer se trate da sociedade como matéria ou objeto da práxis política ou revolucionária, quer se trate de indivíduos concretos. “Em alguns casos, a práxis tem por objeto o homem e, em outros, uma matéria não propriamente humana: natural nuns casos, artificial nos outros” (cf. Vázquez 1977).

⁶ Cláudia Mônica dos Santos em seu livro: Na Prática a Teoria é Outra? Emprega a ação do/da assistente social como prática e não trabalho baseando-se em princípios de Marx e de Lukács, porém, queremos deixar claro que para nós, a ação do profissional é trabalho, assim como é defendido nas Diretrizes Curriculares de 1996.

O Serviço Social é uma profissão inscrita na divisão social e técnica do trabalho, cujo objeto de intervenção é as expressões da “questão social”, Ou seja, a profissão emerge:

(...) a partir do background acumulado na organização da filantropia própria à sociedade burguesa, o Serviço Social desborda o acervo das suas protorfomas ao se desenvolver como um produto típico da divisão social (e técnica) do trabalho da ordem monopólica. Originalmente parametrado e dinamizado pelo pensamento conservador, adequou-se ao tratamento dos problemas sociais quer tomados nas suas refrações individualizadas (donde a funcionalidade da psicologização das relações sociais), quer tomados como sequelas inevitáveis do “progresso” (donde a funcionalidade da perspectiva “pública” da intervenção) — desenvolveu-se legitimando-se precisamente como interveniente prático-empírico e organizador simbólico no âmbito das políticas sociais (NETTO, 2009:79).

Dessa forma, a criação de uma profissão está intimamente relacionada à existência de um espaço sócio-ocupacional que a institui, e não o contrário. O que significa afirmar que a ação profissional é influenciada pelas necessidades sociais das classes, pelas estruturas e processos sociais. (NETTO apud SANTOS, 2010, p.45).

Assim, o/a assistente social ocupa um lugar privilegiado no mercado de trabalho: na medida em que ele (a) atua diretamente no cotidiano das classes e grupos sociais menos favorecidos, ele (a) tem a real possibilidade de produzir um conhecimento sobre essa mesma realidade. E esse conhecimento é, sem dúvida, o seu principal instrumento de trabalho, pois lhe permite ter a real dimensão das diversas possibilidades de intervenção profissional.

O Serviço Social como profissão, insere-se, desde sua emergência, no interior dos equipamentos sócio-assistenciais existentes, desenvolvendo uma atuação caracterizada: pelo atendimento de demandas e necessidades sociais de seus usuários podendo produzir resultados concretos nas condições materiais, sociais, políticas e culturais na vida da população com a qual trabalha viabilizando seu acesso à políticas sociais, programas, projetos, serviços, recursos e bens de natureza diversa. Nesse âmbito, desenvolve tanto atividades que envolvem abordagens diretas com os seus usuários, como ações de planejamento e gestão de serviços e políticas sociais; por uma ação sócio/educativa junto às classes subalternas, interferindo em seus comportamentos e valores, em seu modo de viver e de pensar, em suas formas de luta e organização e em suas ações de resistência. Esta atuação da profissão na divisão social do trabalho se

modifica e sofre redefinições com as mudanças dos contornos da questão social, mas trata-se de uma atuação sempre referida aos processos de criação de condições fundamentais para a reprodução social da vida dessas classes. (cf. Yamamoto, 2009).

De acordo com Santos (2010), a prática profissional, vista como um produto histórico e resultante de uma intervenção teórica e prática dos agentes nela envolvidos têm determinada prática social implícita, a qual deve ser compreendida por esses agentes a fim de que seja uma prática crítica. Entender que a prática profissional favorece determinada prática social significa compreender até que ponto a atividade prática do profissional se insere numa praxis humana social;

Baseando-se em Vázquez Santos (2010), destaca ainda:

penso que um profissional o qual não reconhece que sua prática está inserida na prática social é incapaz de se aproximar do plano coletivo, de compreender o significado social de sua prática, de compreender como essa prática se relaciona com as demais formas de objetivação humana e vice-versa – o que faz com que seus atos individuais influam nos dos demais, assim como, por sua vez, os destes se reflitam em sua própria atividade. Ao não compreender o significado social de sua prática, o sujeito não é capaz de entender o âmbito da teoria na prática e vice-versa. Enfim, não é capaz de reconhecer o caráter político de sua prática. Eis onde se define o âmbito da teoria (P.46).

Sendo assim, Somente a práxis transformadora viabiliza a criação que "[...] compreende a decisão teórica como a decisão de ação. Supõe tática e estratégia. Não existe atividade sem projeto; ato sem programa, práxis política sem exploração do possível e do futuro" (LEFEBVRE apud SANTOS, 2010, p.38).

Apesar dos avanços do Serviço Social, principalmente iniciado com o movimento de reconceitualização, que incitaram os/as assistentes sociais a buscar novas alternativas de ações, dessa feita articulada com as ações concretas das classes sociais, constata-se ainda, na primeira década do século 21, vivências profissionais anacrônicas que nada lembram as conquistas históricas da profissão, sobretudo no plano teórico-metodológico. São atos que jamais serão atividades. As submersões em condutas letárgicas impedem que se revele a riqueza complexa da realidade concreta, por isso são prejudiciais ao movimento de transformação.

Diante desse quadro contraditório, vivenciado pelo Serviço Social, recorremos a Martinelli (1990, p. 17) quando diz "pensar o Serviço Social: eis a tarefa". Tarefa que parece inviável sem a adoção da consciência crítica pautada na história e estruturada em

consonância com a situação do homem, no processo de construção da sua vida e da vida dos outros homens e até da natureza.

O Serviço Social reconhece a sua complexidade como profissão histórica, inserida e construída no movimento real da formação social capitalista. Procura não se contentar com a aparência das coisas, descobre caminhos que conduzem à apreensão da essência da realidade e, com isso, justifica a razão do existir da teoria e da ciência. Como diz Marx (1980, p. 939), "[...] toda ciência seria supérflua se houvesse coincidência imediata entre a aparência e a essência das coisas". Essência que só pode ser conhecida dentro da movimentação histórica.

A importância da história, no contexto desta reflexão, longe de ser uma preocupação somente com o passado do objeto de intervenção e do próprio Serviço Social, tem no seu cerne as questões unificadoras do ser e do vir a ser do Serviço Social, apreensão possível, apenas, dentro da dimensão da práxis transformadora, resultante das objetivações humanas, explicitadas paulatinamente ao longo da história.

Assim, Santos (2010) afirma que:

a transformação da sociedade pelo homem, do seu modo de produção – da sociedade burguesa – é a mais completa das transformações possíveis de serem alcançadas. Essa prática está diretamente associada a um tipo de agente e de teoria que lhe dá fundamento, ou seja, a passagem da possibilidade à efetividade exige um tipo de homem – o proletariado – e de uma determinada teoria – a que lhe ofereça a consciência de sua condição de classe. Aliado a isso, faz-se necessária uma determinada condição sócio-histórica” (p.47).

O/A assistente social não é um profissional “neutro”. Seu trabalho se realiza no marco das relações de poder e de forças sociais da sociedade capitalista – relações essas que são contraditórias. Assim, é fundamental que o profissional tenha um posicionamento político frente às questões que aparecem na realidade social, para que possa ter clareza de qual é a direção social do seu trabalho. Isso implica em assumir valores ético-morais que sustentam o seu agir profissional e que assumem claramente uma postura profissional de articular sua intervenção aos interesses dos setores majoritários da sociedade; deve ser qualificado para conhecer a realidade social, política, econômica e cultural com a qual trabalha.

Para isso, faz-se necessário um intenso rigor teórico e metodológico, que lhe permita enxergar a dinâmica da sociedade para além dos fenômenos aparentes, buscando apreender sua essência, seu movimento e as possibilidades de construção de

novas possibilidades profissionais devem conhecer se apropriar, e, sobretudo, criar um conjunto de habilidades técnicas que permitam ao mesmo desenvolver as ações profissionais junto à população usuária e às instituições contratantes (Estado, empresas, Organizações Não-governamentais, fundações, autarquias etc.), garantindo assim uma inserção qualificada no mercado de trabalho, que responda às demandas colocadas tanto pelos empregadores, quanto pelos objetivos estabelecidos pelos profissionais e pela dinâmica da realidade social.

Porém, sua ação não é, e não pode ser uma ação revolucionária. O máximo que se pode conseguir é uma atuação profissional de enfrentamento das expressões da “questão social” dentro dessa ordem, visando, todavia, sua superação. Sua ação é circunscrita ao seu espaço na divisão social e técnica do trabalho, conforme defende Iamamoto, de maneira que seu nível de intervenção não é de rompimento com essa ordem, por mais que o Serviço Social tenha como finalidade sua transformação.

Dessa forma, como expresso por Santos:

tal ordem capitalista se coloca como oposição a uma prática interventiva de ruptura. O que uma direção teórica marxista possibilita é uma intervenção profissional que intencione a ruptura, ou seja, com a intenção de romper com uma prática profissional que coadune com valores não democráticos, que vão na contramão dos direitos sociais conquistados pela população e contra a justiça social. Apesar da profissão intencionar romper com o padrão teórico conservador, essa ruptura não pode se transformar em uma prática revolucionária, tendo em vista que a prática profissional envolve ações interventivas na sociedade, com níveis de ação diferentes das ações revolucionárias. Ou seja, a função da prática profissional é distinta da função da praxis revolucionária. Os sujeitos se inserem em uma prática profissional com a condição de trabalhadores assalariados do capital e do Estado burguês, de subsunção do trabalho ao capital. A intencionalidade está no âmbito da possibilidade, há uma intenção, todavia sua materialização encontra-se condicionada a um contexto favorável a essa intenção (SANTOS, 2010, p. 49).

Assim, a função do/da assistente social é intervir facilitando, mediando e puxando os vários fios alternativos que darão origem a outras alternativas. Porém, sua ação não é revolucionária, mas pode contribuir para o fortalecimento de uma consciência revolucionária, na qual, colide com a lógica do capital.

Entretanto, se o profissional insere em um local no qual tenha por finalidade a luta por direitos políticos e sociais, de organização de classe, sua ação pode se

aproximar de uma ação de ruptura. Dessa forma, pode-se constatar que a relação teoria de ruptura/prática de ruptura pode ocorrer ou não dependendo da natureza do objeto de intervenção, da população, da instituição e do profissional.

Em qualquer trabalho desenvolvido no universo institucional, é de suma importância uma ação consciente e refletida, que não se deixe levar unicamente pela cotidianidade, que muitas vezes configura-se como uma porta aberta para alienação e que só pode ser superada por meio de um trabalho crítico-reflexivo.

Dessa forma, na nossa concepção, um dos eixos para a garantia ou manutenção da tentativa de superação dessa falsa dicotomia no Serviço Social, tem seu berço nas diretrizes curriculares de 1996⁷. Portanto, faz-se necessário que comecemos uma discussão, especificamente no que diz respeito às Diretrizes Gerais para o Curso de Serviço Social desde o seu processo de construção, apresentadas pela ABEPSS, que embasam o Currículo Mínimo para o curso de Serviço Social.

A formação profissional em Serviço Social constituiu-se num fórum constante de discussões, estudos e análises sobre o desenvolvimento e a construção da própria profissão na sociedade brasileira, que levaram o ensino do Serviço Social a um profundo mergulho nas questões relativas à reorganização do Estado, frente à globalização da economia, às modificações do mundo do trabalho, da cultura, destacando-se, inclusive, a necessidade de repensar os rumos da educação para o século XXI, com base nas previsões das profundas transformações que esta nova conjuntura vem trazendo ao perfil profissional, ao mercado de trabalho, ao perfil docente e discente.

As Diretrizes estabelecem um patamar comum, assegurando, ao mesmo tempo, a flexibilidade e descentralização do ensino em Serviço Social de modo a acompanhar as profundas transformações da sociedade na contemporaneidade. Os novos perfis assumidos pela “questão social” frente à reforma do Estado e às mudanças no âmbito da produção passaram a requer novas demandas de qualificação do profissional, alterando os espaços sócio-ocupacionais do/da assistente social, exigindo que o ensino superior estabelecesse padrões de qualidade adequados.

⁷ Seu processo de construção passou por uma avaliação dos impasses e tensões que obstaculizam a formação profissional numa perspectiva contemporânea e de qualidade. Com base neste diagnóstico foi elaborada e aprovada, na XXIX convenção nacional da ABESS, em Recife, Dezembro de 1995 a “Proposta básica para o Projeto de Formação Profissional”, contendo os pressupostos, diretrizes, metas e núcleos de fundamentação do novo desenho curricular.

Este conjunto de diretrizes estabelece uma base comum, no plano nacional, para os cursos de graduação em Serviço Social, a partir do qual cada Instituição de Ensino Superior (IES) elabora seu currículo pleno. Esta base está pautada por um projeto de formação profissional, coletivamente construído, ao longo dos anos 80 e 90, sob a coordenação da ABESS.

Os princípios que fundamentam a formação profissional a partir destas Diretrizes Curriculares de 1996 são:

1)Flexibilidade de organização dos currículos plenos expressa na possibilidade de definição de disciplinas e ou outros componentes curriculares; Rigoroso trato teórico, histórico e metodológico da realidade social e do Serviço Social, que possibilite a compreensão dos problemas e desafios com os quais o profissional se defronta no universo da produção e reprodução da vida social; 2)Adoção de uma teoria social crítica que possibilite a apreensão da totalidade social em suas dimensões de universalidade, particularidade e singularidade; 3)Superação da fragmentação de conteúdos na organização curricular, evitando-se a dispersão e a pulverização de disciplinas e outros componentes curriculares; 4) Estabelecimento das dimensões investigativa e interventiva como princípios formativos e condição central da formação profissional e da relação teoria e realidade; 5)Padrões de desempenho e qualidade idênticos para os cursos diurnos e noturnos, com um máximo de quatro horas/aulas diárias de atividades nestes últimos; 6) Caráter interdisciplinar nas várias dimensões do projeto de formação profissional; 7) Indissociabilidade nas dimensões de ensino, pesquisa e extensão; 8) Exercício do pluralismo como elemento próprio da natureza da vida acadêmica e profissional, impondo-se o necessário debate sobre as várias tendências teóricas, em luta pela direção social da formação profissional, que compõem a produção das ciências humanas e sociais; 9)Ética como princípio formativo perpassando a formação curricular; Indissociabilidade entre estágio e supervisão acadêmica e profissional (ABESS, 1997, p. 61-62).

Estes princípios definem as diretrizes curriculares da formação profissional, que implicam capacitação teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa para a:

Apreensão crítica do processo histórico como totalidade; Investigação sobre a formação histórica e os processos sociais contemporâneos que conformam a sociedade brasileira, no sentido de apreender as particularidades da constituição e desenvolvimento do capitalismo e do Serviço Social no país; Apreensão do significado social da profissão desvelando as

possibilidades de ação contidas na realidade; Apreensão das demandas (consolidadas e emergentes) postas ao Serviço Social via mercado de trabalho, visando a formular respostas profissionais que potenciem o enfrentamento da questão social, considerando as novas articulações entre público e privado; Exercício profissional cumprindo as competências e atribuições previstas na legislação profissional em vigor (ABESS, *idem*, p. 62).

A formação profissional em Serviço Social expressa, pois, uma concepção de ensino e aprendizagem calcada na dinâmica da vida social, o que estabelece os parâmetros para a inserção profissional na realidade sócio-institucional.

E é nesta proposta que o trabalho é afirmado como atividade central na constituição do ser social. As mudanças verificadas nos padrões de acumulação e regulação social exigem um redimensionamento das formas de pensar/agir dos profissionais diante das novas demandas, possibilidades, e das respostas dadas.

Esta concepção implica que o processo de trabalho em que está inserido o/a profissional de Serviço Social deve ser apreendido a partir de um debate teórico-metodológico que permita o repensar crítico do ideário profissional e, conseqüentemente, da inserção dos profissionais, recuperando o sujeito que trabalha enquanto indivíduo social.

Este entendimento da profissão como “trabalho” passa a exigir que seja superado, na formação, à fragmentação do processo de ensino e aprendizagem e permita uma intensa convivência acadêmica entre professores, alunos e sociedade. Este é, ao mesmo tempo, um desafio político e uma exigência ética: construir um espaço por excelência do pensar crítico, da dúvida, da investigação e da busca de soluções.

Para tanto, esta formação passa a ser articulada a partir de três núcleos de fundamentação da formação profissional, quais sejam: O núcleo de fundamentos teórico-metodológicos da vida social, que compreende um conjunto de fundamentos teórico-metodológicos e ético-políticos para conhecer o ser social; Núcleo de fundamentos da formação sócio-histórica da sociedade brasileira, que remete à compreensão das características históricas particulares que presidem a sua formação e desenvolvimento e desenvolvimento urbano e rural, em suas diversidades regionais e locais; Núcleo de fundamentos do trabalho profissional, que compreende os elementos constitutivos do Serviço Social como uma especialização do trabalho: sua trajetória histórica, teórica, metodológica e técnica, os componentes éticos que envolvem o

exercício profissional, a pesquisa, o planejamento e a administração em Serviço Social e o estágio supervisionado.(Caderno ABESS, 1997).

Neste sentido, a nova estrutura curricular deve refletir o atual momento histórico e projetar-se para o futuro, abrindo novos caminhos para a construção de conhecimentos, como experiência concreta no decorrer da própria formação profissional.

Assim, Kameyama afirma:

a teoria e a prática constituem aspectos inseparáveis do processo de conhecimento e devem ser consideradas na sua unidade, levando em conta que a teoria não só se nutre na prática social e histórica como também representa uma força transformadora que indica à prática os caminhos da transformação (KAMEYAMA, 1989, p. 101).

Portanto, é de suma importância o rompimento com essa falsa dicotomia, sendo necessário a reelaboração de conceitos e a superação de ações enraizadas, que contribuem para a cisão entre o saber teórico e o saber prático.

Assim, compreendemos ser necessário e fundamental que haja uma ligação entre o saber teórico e a prática a partir de três núcleos de fundamentação da formação profissional que perpassa desde a formação até ao próprio agir profissional que é, ao mesmo tempo, um desafio político e uma exigência ética.

CAPÍTULO 2:
O Cotidiano como esfera de realização do Trabalho
Profissional.

2.1. Localizando o entendimento da categoria cotidiano

Na ótica Lukacsiana, a vida cotidiana é insuprimível. Não há sociedade sem cotidianidade, não há homem sem vida cotidiana. Enquanto espaço-tempo de constituição, produção e reprodução do ser social, a vida cotidiana é ineliminável. (CARVALHO e NETTO, 1996, p.66).

A vida cotidiana é aquela vida dos mesmos gestos, ritos e ritmos de todo homem e de toda mulher: é levantar nas horas certas, dar conta das atividades caseiras, ir para o trabalho, para a escola, para a igreja, cuidar das crianças, fazer o café da manhã, fumar o cigarro, almoçar, jantar, tomar a cerveja, a pinga ou o vinho, ver televisão, praticar um esporte de sempre, ler o jornal, sair para um “papo” de sempre, etc.. Nessas atividades, é mais o gesto mecânico e automatizado que as dirige que a consciência (CARVALHO e NETTO, 1996, p.23).

Dessa forma Agnes Heller afirma que:

a vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela colocam-se em ‘funcionamento’ todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias. O fato de que todas as suas capacidades se coloquem em funcionamento determina também, naturalmente, que nenhuma delas possa realizar-se, nem de longe, em toda a sua intensidade (HELLER, 1989, p.17).

Não há existência humana sem o cotidiano e cotidianidade. O cotidiano está presente em todos os campos da vida dos sujeitos, seja nos afazeres do dia a dia, na vida familiar, nas suas relações sociais, lazer e entre outras atividades que perpassam e fazem parte da existência do ser humano.

A vida cotidiana é a vida do sujeito que é particular e genérico. Se tratando de forma naturalista isto não diferencia o sujeito de nenhum outro ser vivo. Mas por se tratar de um *Homo sapiens*, o sujeito ao se identificar com a particularidade, não quer dizer que expressará apenas um ser isolado, mas também um ser genérico.

O homem que pertence à cotidianidade é aquele sujeito no qual é influente e fruidor, ativo e receptivo, porém não havendo tempo e nem mesmo possibilidade de fazer um desligamento desse cotidiano, o mesmo acaba não tendo uma total absorção dessas aparências e nem mesmo a possibilidade de desfrutar-se em toda a sua proporção.

O homem já surge inserido em sua cotidianidade. Quando é percebido o seu amadurecimento, tem-se como entendido que o sujeito adquiriu todas as suas habilidades indispensáveis para a vida cotidiana da sociedade. E dessa forma, tem-se a noção do surgimento do adulto, porque é o adulto quem tem a capacidade de viver por si mesmo a sua cotidianidade. O adulto antes de qualquer coisa necessita dominar a manipulação dos acontecimentos que são importantes para a vida da cotidianidade, sendo este sinônimo de absorção das relações sociais.

É por meio de grupos que se obtém de princípio o amadurecimento para a cotidianidade. É por intervenção desses grupos (famílias, amigos, escolas...) que há o estabelecimento entre o sujeito e os costumes, a ética e as normas.

A sociabilidade é imanente à totalidade das suas objetivações: para transformar a natureza reproduzindo a sua existência através do trabalho, é necessário agir em cooperação, estabelecendo formas de comunicação, como a linguagem, os modos de intercâmbio e de reciprocidade social, que tornam possível o reconhecimento dos homens entre si, como seres de uma mesma espécie, que partilham uma mesma atividade e dependem uns dos outros para realizar determinadas finalidades. (BARROCO, 2009, p. 169).

Poucas são as pessoas que não se permitem influenciar por esse cotidiano. Poucas são as pessoas que o rompem ou o interrompem, reunindo todas as suas forças em atividades que as ergam deste mesmo cotidiano e lhes admitam a percepção e a consciência do ser homem total, em completa afinidade com o homem e a humanidade de seu tempo.

Nenhum ser humano é capaz de identificar-se com sua atividade humano-genérica a ponto de poder sair-se totalmente da cotidianidade. E por outro lado, não existe nenhum ser humano que sobreviva exclusivamente na cotidianidade.

Segundo os estudos de Lukács e Heller, a vida cotidiana possui características que aparecem ao longo da história: heterogeneidade, imediatividade e a superficialidade extensiva.

Dessa forma, de acordo com Lukács:

- a) a heterogeneidade: a vida cotidiana configura o mundo da heterogeneidade. Interseção das atividades que compõem o conjunto das objetivações do ser social, o caráter heteróclito da vida cotidiana constitui um universo em que, simultaneamente, se movimentam fenômenos e processos de natureza composta (linguagem, trabalho, interação, jogo, vida política e vida

privada, etc.); b) a imediaticidade: como os homens estão agindo na vida cotidiana, e esta ação significa responder ativamente, o padrão de comportamento próprio da cotidianidade é a relação direta entre pensamento e ação; a conduta específica da cotidianidade é a conduta imediata, sem a qual os automatismos e o espontaneísmo necessários à reprodução do indivíduo enquanto tal seriam inviáveis; c) a superficialidade extensiva: a vida cotidiana mobiliza em cada homem todas as atenções e todas as forças, mas não toda a atenção e toda a força; a sua heterogeneidade e imediaticidade implicam que o indivíduo responda levando em conta o somatório dos fenômenos que compõem em cada situação precisa, sem considerar as relações que o vinculam (LUKÁCS apud CARVALHO e NETTO, 1996, p.67).

A vida cotidiana é em uma grande proporção heterogênea. E isso se identifica em muitas feições, principalmente referente à significação, importância ou mesmo ao conteúdo de nossos tipos de atividades.

O campo do cotidiano é um campo conciso; é o campo do homem concreto. A objetivação que perpassa no cotidiano é aquela na qual o homem faz do mundo o seu recinto imediato.

De acordo com Agnes Heller, há quatro formas de suspensão da vida cotidiana, de passagem do meramente singular ao humano-genérico. São elas: o trabalho, a arte, a ciência e a moral (HELLER apud CARVALHO e NETTO, 1996, p.27-28).

Segundo Heller, para Lukács, a arte e a ciência são formas de elevação acima da vida cotidiana que produzem objetivações duradoras. Sendo assim, o reflexo artístico e o reflexo científico rompem com a tendência espontânea do pensamento cotidiano, tendência orientada ao Eu individual-particular. A arte consegue realizar esse processo devido à sua essência que é autoconsciência e memória da humanidade e a ciência ocorre por meio da ciência da sociedade e da natureza. A primeira porque se desvincula da teologia referida ao homem singular (desantropocêntrica) e a ciência da natureza por meio do seu caráter desantropomorfizador.

Não existe vida cotidiana sem espontaneidade, pragmatismo, economicismo, analogia, precedentes, juízo provisório, ultrageneralização, mimese e entonação. A espontaneidade é uma característica dominante da vida cotidiana e ela caracteriza tanto as motivações particulares e também as atividades humano-genéricas.

O preconceito é a categoria do pensamento e do comportamento cotidianos. É uma atitude emocional preconcebida e antecipada, onde encontramos manifestações discriminatórias, sejam elas contra pessoas, lugares, etnias, tradições, política, religião,

esporte, entre outros. O preconceito é, portanto, um sentimento antecipado e precipitado, sem fazer um julgamento ou análise prévia, sobre cor, raça, credo, opções, atributos físicos, etc. Sendo, portanto, influenciada por estereótipos.

A vida cotidiana é aquela que mais se presta à alienação quando se trata dos domínios da realidade. Devido à convivência “muda”, em si, de particularidade e genericidade. Na vida cotidiana, o homem age por meio de possibilidades⁸; e há uma afinidade material entre a possibilidade e as atividades e as consequências das mesmas na vida do sujeito.

Para Lukács a homogeneização⁹ é a superação dialética total ou mesmo parcial para a decolagem da cotidianidade para a ascensão ao humano-genérico.

Assim, segundo Heller (1989), a homogeneização em direção ao humano-genérico, a completa suspensão do particular-individual, a transformação em “homem inteiramente”, é algo totalmente excepcional na maioria dos seres humanos. (p.28).

Dessa forma, a interrupção da vida cotidiana não é uma evasão, mas sim um ciclo, pois se ausenta dela e volta-se a ela de forma transformada. Assim, quanto mais ocorrem essas interrupções, a reapropriação do ser genérico é mais intensa e a percepção do cotidiano fica mais enriquecida.

A vida cotidiana insere-se na história, modificando-se e também as relações sociais. Entretanto, as modificações dependem necessariamente da consciência que os homens trazem da sua essência e dos valores presentes ou não ao seu desenvolvimento. Nesse processo, as necessidades humanas tornam-se conscientes, no sujeito, sucessivamente sob a forma de necessidades do Eu. O Eu sente fome, sede, frio, calor, sente ódio, sente paixão e etc. a dinâmica principal da particularidade individual do sujeito é o contentamento das necessidades do Eu.

A vida cotidiana está impregnada de escolhas. Essas escolhas podem ser absolutamente indiferentes de acordo com a moral; entretanto também podem estar motivadas moralmente. Quanto maior é a importância da moralidade, do compromisso

⁸ Na vida cotidiana, jamais é possível calcular com segurança científica a consequência possível de uma ação. Nem haveria tempo para fazê-lo na múltipla riqueza das atividades cotidianas. E é devido a essas questões que o homem age na vida cotidiana por meio de possibilidades.

⁹ Segundo Heller, entende-se por homogeneização o ato no qual concentramos toda a nossa atenção sobre uma única questão e “suspenderemos” qualquer outra atividade durante a execução da tarefa. E assim, utilizaremos nossa inteira individualidade humana na resolução dessa tarefa e assim transformamo-nos em um “homem inteiramente” que no caso é uma expressão de Lukács. (cf. Heller, 1989).

pessoal, da individualidade e do risco na decisão acerca de uma alternativa dada, tanto mais facilmente essa decisão eleva-se acima da cotidianidade e tanto menos se pode falar de uma decisão cotidiana (HELLER, 1989, p.24).

O pensamento cotidiano nortear-se para a concretização de atividades cotidianas e, nessa medida, é plausível falar de unidade imediata de pensamento e ação na cotidianidade. Os conceitos necessários à cotidianidade nunca se elevam ao plano da teoria, da mesma forma como a atividade cotidiana não é praxis. A atividade prática do sujeito só se eleva ao nível da praxis quando é atividade humano-genérica consciente.

Portanto, a ação consciente supõe a capacidade de modificar respostas em novas perguntas e as necessidades em novas formas de satisfação. Somente o homem é apropriado ao agir teleológico, cogitando a sua ação por meio de escolhas de valor, de modo que o produto de sua ação possa consolidar a sua autoconsciência como objeto da práxis.

2.2. O cotidiano como espaço da intervenção profissional: limites e possibilidades.

O Serviço Social é uma profissão que tem propriedades singulares. Ela não age sobre uma única necessidade humana, nem tampouco se dedica a todos os homens de uma sociedade, sem distinção de renda ou classe. Sua especificidade está no fato de agir sobre todas as necessidades humanas de uma dada classe social, ou seja, aquela constituída pelos grupos subalternos, pauperizados ou excluídos dos bens, serviços e riquezas dessa mesma sociedade.

E é devido a isso que os/as assistentes sociais agem essencialmente na trama das relações de conquista e apropriação de serviços e poder pela população excluída e dominada.

A base para a generalização e persistência da angulação tradicional no Serviço Social foi à relação de continuidade que simultaneamente permanece entre o Serviço Social profissional e as formas filantrópicas e assistenciais desenvolvidas desde o incidir da sociedade burguesa. Essa relação de continuidade adquire uma visibilidade muito grande porque existe uma instituição que exerceu papel decisivo nos dois setores – a Igreja católica.

Contudo, a relação de continuidade não foi única nem exclusiva, ela conviveu com uma relação de ruptura que se instaurou como determinante na constituição do Serviço Social como profissão. Esta ruptura manifestou-se na ocorrência do

assalariamento, que pouco a pouco, modifica os papéis dos agentes tornando-os executivos de projetos cuja funcionalidade real e essencial estava posta por uma lógica e uma estratégia objetivas que independiam da sua intencionalidade. O caminho da profissionalização do Serviço Social foi, de fato, o método pelo qual seus agentes se colocavam em atividades interventivas cuja dinâmica, organização, recursos e objetivos eram originados de uma forma que os/as profissionais não eram capacitados para algumas demandas que lhes eram submetidos.

São pertinentes as alegações que buscam ao esclarecimento do estatuto profissional do Serviço Social travejando-se na conjuntura da divisão social do trabalho reinante na sociedade burguesa consolidada e madura e conectando-a demandas típicas das suas modalidades de reprodução social. Prevalecendo as percepções que empenham a configuração profissional institucional a uma classe de “amadurecimento científico” do Serviço Social em comparação às chamadas protoformas do Serviço Social. Esta prevaência perpassa até mesmo as fronteiras que distinguem tendências no interior da categoria.

Dessa forma, Netto (2009) afirma:

Compreender adequadamente esta predominância é tarefa em aberto; uma pista eventualmente fecunda para dilucidá-la talvez resida na consideração de que se tornou histórica e socialmente relevante para os assistentes sociais construir uma auto-imagem que cortasse o seu exercício sócio-profissional com as suas protoformas, intervenções assistencialistas, assistemáticas e filantrópicas- e uma base persuasiva para um tal corte seria oferecida pelo recurso a suportes “científicos” como fundantes da profissão (p.87).

Porém, de acordo com Netto (2009), para esclarecer o estatuto profissional do Serviço Social deve-se primeiramente remeter-se a um traço compulsório na apreciação do processo de instituição de toda atividade profissional.

Dessa forma, a estrutura sincrética do Serviço Social deve-se advertir preliminar e vigorosamente, não interdita a análise distinta dos dois níveis do estatuto teórico e profissional. Assim, o sincretismo parece ser o fio condutor da afirmação e do desenvolvimento do Serviço Social como profissão, seu núcleo organizativo e sua norma de atuação. O sincretismo foi um princípio constitutivo do Serviço Social (cf.Netto, 2009).

De acordo com Netto, há três fundamentos objetivos da estrutura sincrética do Serviço Social; o primeiro é o universo problemático original que se lhe apresentou

como eixo de demandas histórico-sociais (a questão social), o segundo é o horizonte do seu exercício profissional (o cotidiano) e o terceiro é a sua modalidade específica de intervenção (a manipulação de variáveis empíricas).

Com as refrações da questão social na sociedade burguesa monopolista, qualquer segmento da vida social era plausível de ser nomeada como autêntica para a intervenção profissional dos/das assistentes sociais. Assim, existindo a heterogeneidade de ocasiões que demandavam a intervenção profissional.

Dessa forma, Netto (2009) afirma:

É próprio da prática que se toma sincreticamente não somente a sua translação e aplicação a todo e qualquer campo e/ou âmbito, reiterando procedimentos formalizados abstratamente e revelando a sua indiferenciação operatória. Combinando senso comum e conhecimentos extraídos de contextos teóricos; manipulando variáveis empíricas segundo prioridades estabelecidas por via de inferência teórica ou de vontade burocrático-administrativa; legitimando a intervenção com um discurso que mescla valorações das mais diferentes espécies, objetivos políticos e conceitos teóricos; recorrendo a procedimentos técnicos e a operações ditadas por expedientes conjunturais; apelando a recursos institucionais e a reservas emergenciais e episódicas- realizada e pensada a partir desta estrutura heteróclita, a prática sincrética põe a aparente polivalência. Esta não resulta senão do sincretismo prático-profissional: nutre-se dele e o expressa em todas as suas manifestações (p. 106-107).

Tendo o cotidiano como espaço para o trabalho profissional dos/das assistentes sociais, Netto afirma que o material institucional do/da assistente social é estabelecido por objetivações sócio-humana referente à vida cotidiana e o horizonte da intervenção profissional não vai além desse âmbito, não havendo a interrupção com o cotidiano e assim, prevalecendo no agir profissional uma ação imediata e pragmática originárias da prática sincrética.

Como exposto no item 1.2, sobre as influências que o Serviço Social Brasileiro teve, pode-se deduzir que o sincretismo ideológico e científico já foi abordado¹⁰, deste modo, iremos nos deter sobre o sincretismo da prática indiferenciada que consequentemente completa o círculo sincrético.

¹⁰ Como tido, no item 1.2, pincelamos um pouco a respeito da influência conservadora européia e norte-americana na cultura profissional (sincretismo ideológico) e também sobre o embate teórico-metodológico entre as ciências sociais e a teoria social (sincretismo científico).

Com relação à prática indiferenciada, por meio dos estudos de Netto, pode-se deduzir que apesar dos avanços do Serviço Social, o trabalho profissional ainda está preso as ações relacionadas às suas protoformas, mesmo sabendo que existe um novo significado para o trabalho profissional.

Conseqüentemente, o que está em causa é o extenso espectro de atitudes positivistas motivadas na recepção da objetividade imediata dos métodos e fenômenos sociais como sendo a sua realidade estrutural. Ainda que veladas por sofisticações formalistas, estas atitudes não acabaram com a faticidade empírica em que se produz a imediaticidade da vida cotidiana.

O tratamento positivista da cotidianidade dedica a sua imediaticidade como interesse de verificabilidade e domínio das formulações abstratas, identificando na objetividade produzida imediatamente a concreção da realidade.

O tratamento das refrações da questão social por meio do Estado é outra influência que colabora para o sincretismo da prática. As políticas sociais não são capazes de sancionar a “questão social”, tendo como pressuposto que só podem conter as suas manifestações. O que os profissionais realmente conseguem é a racionalização de soluções e empenhos para assim enfrentar as refrações da questão social. E assim, prevalecendo a suas protoformas, não deixando ir além.

Como as políticas sociais não têm a capacidade de realmente reverter a “questão social” e, também não havendo a suspensão da cotidianidade, o trabalho do assistente social acaba ficando subordinado aos constrangimentos da alienação, não podendo se conformar absolutamente como um trabalho criativo. E dessa forma, as ações profissionais ficam presas ao universo alienado da cotidianidade.

Dessa forma, os/as assistentes sociais ficam aprisionados a uma execução de um trabalho mecânico, que somente procura solucionar as demandas colocadas no cotidiano de forma imediata¹¹, não dando importância em apreender a totalidade concreta e agindo apenas na resolução dos problemas adquiridos na aparência dos fatos e assim, não captando realmente a essência desse problema.

Devido a essas evidências, compreendermos de suma importância, a necessidade dos/das profissionais agirem no cotidiano profissional guiados por um projeto

¹¹ Com precárias intervenções articulado com práticas do sincretismo, não há uma mínima possibilidade de interrupção do cotidiano na estrutura do trabalho do Serviço Social.

profissional crítico para assim enfrentar o pensamento e as práticas conservadoras na profissão.

Dessa forma, Guerra afirma que:

Para uma profissão, ser orientada por um projeto profissional crítico significa, ainda, a possibilidade de construção permanente de perfis profissionais, dentre eles o do profissional que conhece suas competências e imprime qualidade técnica às suas ações com uma direção crítica clara e consciente, visando a defesa permanente dos direitos sociais e humanos, considerados como conquista da humanidade, herança das lutas dos movimentos sociais e trabalhistas progressistas, de modo a superar a histórica vinculação do profissional com o conservadorismo (2007, p. 9).

Sendo assim, do ponto de vista referente ao profissional, o projeto implica o compromisso com a competência, que só pode ter como base o aperfeiçoamento intelectual do assistente social. Daí o destaque numa formação acadêmica qualificada, constituída em percepções teórico-metodológicas críticas, capazes de viabilizar uma análise concreta da realidade social e uma formação que deve abrir a via à necessidade de uma (auto) formação permanente e uma estimulação constante da preocupação investigativa.

Indo a favor da postura investigativa, Setubal alega que:

Na prática profissional, tem-se que acicatar a postura crítica investigativa, de modo que o assistente social/ população usuária das ações institucionais se veja constantemente retornando por meio de suas experiências humano-profissionais ao patamar ocupado pelo ser, pessoa-sujeito que experimenta na cotidianidade da vida as situações decorrentes das relações sociais e produtivas, determinadas historicamente e manifestadas pelos diferentes sujeitos, como necessidade e interesse antagônico (1993, p.98).

Sendo assim, a atitude investigativa faz ir além da visão pragmática da ação dos/das assistentes sociais que é centralizada na imediatividade dos acontecimentos e que privilegia ações empíricas no cotidiano profissional.

Assim, Battini (1994), argumenta que:

No exercício profissional, a atitude investigativa desmitifica, na divisão sócio-técnica do trabalho, o fato de que só fazem ciência ou só agem cientificamente aqueles que têm o privilégio de construir o saber. Como expressão do inconformismo, da crítica reiterada à realidade, do questionamento permanente e vivo sobre os fatos, cria maiores possibilidades de novas explicações, permitindo ir além do limite dado. Para ultrapassar o limite dado, uma das estratégias figura na atitude investigativa presente na ação interventiva, estabelecendo uma unidade de prática constantemente reconstruída e permanentemente viva (p. 145).

Dessa forma, o projeto profissional compõe-se como diretrizes para a ação, desde que estabeleça finalidades ou efeitos ideais para o agir profissional e as formas de efetivá-lo. Seu campo é o da sistematização em nível da consciência que se tem dos métodos e práticas sociais, dos fins sugeridos e dos elementos para a sua concretização. Para tanto, tem-se como indispensável uma problematização crítica sobre as tendências e perspectivas teóricas, metodológicas, éticas, políticas e operativas existentes na essência da profissão.

Deste modo, Guerra (2007), argumenta que:

Neste âmbito, entendemos que o exercício profissional orientado por um projeto profissional que contenha valores universalistas, baseado no humanismo concreto, numa concepção de homem enquanto sujeito autônomo, orientado por uma teoria que vise apreender os fundamentos dos processos sociais e iluminar as finalidades, faculta aos assistentes sociais a consciência de pertencer ao gênero e lhe permite desenvolver escolhas capazes de desencadear ações profissionais motivadas por compromissos sociocêntricos que transcendam a mera necessidade pessoal e profissional de seus agentes que se hipertrofia na esfera da cotidianidade. Ao clarificar seus objetivos sociais, realizar escolhas moralmente motivadas, compreender o significado social da profissão no contexto da sociedade capitalista, escolher crítica e adequadamente os meios éticos para o alcance de fins éticos, orientados por um projeto profissional crítico, os assistentes sociais estão aptos, em termos de possibilidade, a realizar uma intervenção profissional de qualidade, competência e compromisso indiscutíveis (p. 15).

Entretanto, os incrementos das transformações societárias advindas ao longo do século XX, sob a ofensiva neoliberal e suas repercussões nos dias atuais, têm colocado em destaque as pressuposições estruturantes desse projeto. Tais repercussões podem ser destacadas por meio do constante questionamento da teoria marxista e da “razão dialética” e também pelo fortalecimento da razão instrumental e do pensamento conservador, rearticulados pelas percepções pós-modernas. Já em relação ao agir profissional, as manifestações se dão na alteração do trabalho dos/das assistentes sociais, por meio das “novas” demandas conduzidas à profissão e nas respostas movimentadas para respondê-las.

Nestes termos, identificamos que devido a essas repercussões, o exercício profissional acaba ficando preso ao imediato e ao cotidiano e assim não ultrapassando o nível da aparência e realizando um trabalho precarizado e aberto para o fortalecimento do pragmatismo, do voluntarismo e da fragmentação entre teoria e prática, idêntica às

tendências da pós-modernidade e assim, se afastando dos paradigmas críticos totalizantes.

E devido a essas tendências é que mais uma vez identificamos como necessário e preciso a utilização de um projeto profissional crítico que nos oriente para um exercício profissional competente e capaz de desprender dessa ação pragmática, preconceituosa e imediata que está no cotidiano profissional.

CAPÍTULO 3:
Uma análise do trabalho profissional no Hospital
Universitário de Brasília (HUB)

3.1. O trabalho desenvolvido pelos profissionais de Serviço Social no HUB: um breve histórico.

Neste capítulo iremos fazer um breve histórico do Hospital Universitário de Brasília (HUB) articulado com o Serviço Social, bem como a especificidade do trabalho desenvolvido no âmbito da saúde especificamente no HUB.

O Hospital foi inaugurado no dia 09 de agosto de 1972 durante o regime militar como unidade do Instituto de Pensões e Aposentadoria dos Serviços do Estado – IPASE (Decreto Nº 70.178 de 21 de fevereiro de 1972). A instituição dedicou-se, primeiramente, a atenção exclusiva dos servidores públicos federais e ficou conhecido como Hospital dos Servidores da União – HSU e tinha como objetivo ser: “um hospital que tornasse realidade a aspiração dos funcionários públicos civis, residentes na capital da república”.

Nessa época, o Hospital acatava a política vigente de atenção à saúde de acordo com o modelo de seguro social que assinalou o modelo previdenciário no Brasil e na América Latina, sendo, deste modo, excludente, de ideologia corporativa e com cobertura de caráter ocupacional. Em 1977 houve a extinção do IPASE que instituiu o Sistema Nacional de Previdência e Assistência Social- SINPAS e assim passou a ter o Instituto Nacional de Assistência Médica da previdência Social-INAMPS como entidade mantenedora.

Por meio do convênio de integração Docente Assistencial nº 81614, entre o Ministério da Previdência e Assistência Social-MPAS e a Fundação Universidade de Brasília-FUB, o Hospital passou a ser utilizado pela faculdade de ciências da saúde, como Hospital de Ensino.

Em 1987 foi associado à rede de serviços do Distrito Federal através de um novo convênio assinado pela FUB e com o MPAS, passando a chamar-se Hospital Docente Assistencial – HDA. Posteriormente houve um processo conturbado, com manifestações públicas de professores e estudantes que determinavam a aprovação definitiva do Hospital para que pudesse ser administrado inteiramente pela universidade, deste modo, em 03 de maio de 1990 o hospital foi cedido pelo INAMPS à UnB, passando a denominar-se Hospital Universitário de Brasília- HUB.

O Serviço Social no HUB possui a Divisão de Serviço Social- DSS/HUB. Esta foi criada em setembro de 2009, dependente da Diretoria Adjunta de Serviços

Assistenciais-DASA para mais perfeita organização da atuação do Serviço Social dentro do Hospital frente às organizações das ações profissionais.

A DSS presta assessoria em assuntos concernentes à área profissional, participando da elaboração de planos, programas e projetos integrados à direção do HUB. Ela promove a participação da equipe em capacitação, seminários e outros eventos relacionados com a área, bem como, planejando, conduzindo e avaliando as atividades do Centro de Serviço Social, programas, serviços, estudos e pesquisas.

O Serviço Social no HUB possui 15 assistentes sociais, sendo que 02 desse total estão fazendo residência multiprofissional em saúde. A residência multiprofissional em saúde é o fortalecimento do projeto pedagógico e a interlocução com a DSS. É uma capacitação continuada e uma atualização da preceptoria. Há encontros sistemáticos com periodicidade definida e reuniões de trabalho e avaliação quanto ao rodízio nas clínicas para que o mesmo conheça a especificidade de cada clínica.

Em relação ao atendimento do Serviço Social no HUB, pode-se ocorrer de 03 maneiras: por meio do atendimento ambulatorial, onde os usuários internos e externos deverão ser encaminhados ao setor de marcação de consultas do HUB, no qual terão seu atendimento agendado; por meio de internação, aqui ocorre quando é detectada pela equipe de saúde alguma expressão da questão social relativa ao usuário internado no hospital, a equipe aciona o Serviço Social por meio de uma solicitação de parecer; e por meio do serviço de pronto atendimento social, no qual é um atendimento a demanda emergencial das clínicas de internação e ambulatorial para manter a integralidade da atenção ao usuário dentro do HUB. Dessa forma, serão atendidos pelo plantão social os usuários que não poderão aguardar o atendimento agendado e estão fora do fluxo estabelecido nos programas, projetos e serviços.

Já em relação aos programas desenvolvidos no HUB, iremos discorrer a respeito dos mesmos para que assim, possamos ter uma visão detalhada sobre o cotidiano dessas/ e profissionais.

- O programa “Obesidade Grave da Cirurgia do HUB” tem como objetivo geral identificar os usuários ao tratamento de obesidade grave e a realização de cirurgia bariátrica. Neste programa há o acolhimento, o atendimento e o acompanhamento dos usuários e familiares. As atividades são desenvolvidas por meio de uma avaliação dos usuários e de seus familiares nas diversas fases do tratamento, assim estabelecendo

o fluxo do atendimento interdisciplinar. Há uma identificação da rede de proteção social e de saúde especializada. É feita uma elaboração conjunta do plano de tratamento do usuário e das atividades didáticas com a comunidade;

- O programa de “Atendimento de Pré-Natal de Auto-Risco” tem como objetivo geral desenvolver as atividades do Serviço Social aos usuários e seus familiares no ambulatório I. As atividades desenvolvidas pelos/a profissionais é a avaliação social, os acompanhamentos, as orientações, reuniões e acolhimento. As metas desse programa é desenvolver acolhimento participativo e qualificado do pré-natal, assim como agendamento para consultas no Centro de Serviço Social no ambulatório I para acompanhamento e complementação de informações e procedimentos necessários. Há também uma elaboração do perfil sócio-assistencial dos usuários desse programa;
- O programa do “Centro de Medicina do Idoso” tem como objetivo geral atender aos usuários e familiares, de forma articulada com o Sistema único de Saúde- SUS, Sistema Único de Assistência Social- SUAS e demais serviços afins da rede de saúde. As atividades desenvolvidas neste programa é a avaliação social, a orientação, o contato com profissionais do HUB e outras instituições e o atendimento em grupo para familiares e a domiciliar. As metas desse programa é contribuir como profissional integrante de equipe multidisciplinar para a viabilização de direitos sociais do usuário e familiares, bem como o estabelecimento mais adequado à assistência do usuário;
- O programa de “Planejamento Orçamentário administrativo na Pediatria” tem como objetivo geral garantir aos usuários da pediatria acesso a um tratamento de saúde integral que considere todas as dimensões do indivíduo, garantindo o apoio desses usuários pela rede social. O programa oferece suporte ao familiar do usuário durante o período de internação visando uma melhor compreensão do diagnóstico da doença e também orientam e encaminham familiares para a concessão de programas assistenciais e sociais. Os/as profissionais orientam sobre a

rotina hospitalar e participam das visitas com a equipe multiprofissional na clínica pediátrica;

- O programa de “Acolhimento ambulatorial de Nefrologia/ Uremia” tem como objetivo geral desenvolver as atividades de Serviço Social aos usuários e seus familiares no Centro de Hemodiálise. As atividades desenvolvidas neste programa é a avaliação social, o acompanhamento, o encaminhamento, o acolhimento e a orientação sobre os direitos e benefícios dos usuários;
- O programa de “Planejamento Orçamentário Administrativo na Clínica Médica” tem como objetivo geral desenvolver ações que contribuam com a defesa dos direitos sociais dos usuários internados. O programa oferece acolhimento social ao usuário e aos seus familiares possibilitando a formação de vínculos com os mesmos, e assim oferecendo suporte ao usuário e família frente às mudanças sociais decorrentes da doença. As atividades desenvolvidas neste programa é a orientação sobre os direitos sociais, a conscientização da importância da família na participação do tratamento médico, a orientação ao usuário e seus familiares sobre a rotina hospital. Se caso ocorra óbito, há a disponibilização de apoio, acolhimento e orientação sobre o funeral gratuito. Os/as profissionais fazem a identificação do usuário “desconhecido”. Há a intervenção junto à família nas situações de maus tratos. Ocorre o acompanhamento da dinâmica da clínica através de visita diária aos leitos. Existem as orientações e acompanhamentos em situações com problemática familiar;
- O programa de “Planejamento Orçamentário Administrativo nas Enfermarias da Clínica Cirúrgica” tem como objetivo geral desenvolver as atividades de Serviço Social aos usuários e seus familiares. As atividades desenvolvidas é a avaliação social, o acompanhamento, o encaminhamento, o acolhimento, as orientações, as reuniões, os estudos e elaboração e acompanhamento de projetos e pesquisas;
- O programa de “Serviço de Estudo e Atenção a Usuários de Álcool e outras Drogas- SEAD/ HUB” tem como objetivo geral contribuir para as ações de atenção integral realizada junto aos usuários de substância psicoativas e familiares. O programa tem como foco a ampliação do

acesso, o acolhimento e a vinculação aos serviços de saúde, diversificando as possibilidades de enfrentar as questões relacionadas ao uso, abuso e dependência de álcool e outras drogas. Há uma socialização de informações aos usuários e sua família sobre os diferentes aspectos envolvidos na questão do uso, abuso e dependência de substâncias psicoativas. As atividades desenvolvidas neste projeto é a entrevista, a visita domiciliar, a visita institucional, a pesquisa, a condução de grupos e reuniões, o registro de intervenção por meio de relatórios e pareceres, a identificação e mapeamento da rede social e o registro em questionário padronizado.

3.2. A percepção dos fundamentos teórico-metodológico e a dimensão técnico-operativa para os/as profissionais do HUB

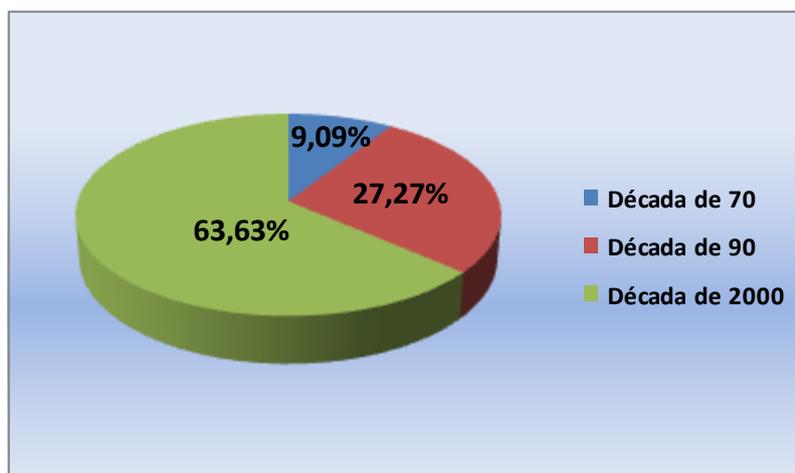
Tendo como base a pesquisa de Iniciação Científica intitulada: *Uma análise do debate teórico acerca da categoria “trabalho” no Curso de Serviço Social da UNB*, JESUS E SOUSA (2011) identificaram que no decorrer desta pesquisa a dimensão técnico-operativa e a teórico-metodológica assume fundamental importância para o trabalho do assistente social. Esta compreensão nos leva a analisar o projeto ético-político profissional e a articulação dos eixos para o desenvolvimento das competências e habilidades dos/das assistentes sociais e da necessidade de um aprofundamento crítico que possibilite no trabalho profissional o desenvolvimento das dimensões teórico-metodológicas, ético-político e técnico-operativo.

Neste trabalho de conclusão de curso, buscamos analisar se e/ou como os/as assistentes sociais do Hospital Universitário de Brasília- HUB apreendem a relação teoria e prática no seu cotidiano profissional. Para a execução desse objetivo realizamos aplicação de questionários com 11 assistentes sociais conforme explicitado na introdução.

O perfil das/dos profissionais de Serviço Social pesquisados revela-nos o processo geral por que passam as instituições públicas no país com a ampliação de campos de trabalho e entrada de profissionais cada vez mais jovens nos setores públicos. Das (os) entrevistadas (os) 07 entraram na instituição por concurso público e 04 por meio de contratos, entre elas/eles o intervalo etário é de 22 anos e mais de 45 anos.

Nesse sentido, este intervalo etário também vai expressar o universo do período de formação profissional das/dos participantes dessa pesquisa. Destacamos também que do universo de profissionais pesquisados sua formação profissional ocorreu-se entre os anos 1979 a 2011 conforme o gráfico a seguir:

Gráfico 01: Relação Profissional/Ano de Formação



Fonte: Questionários Aplicados com os/as profissionais de Serviço Social do Hospital Universitário – HUB, 2012.

Verificamos também que 63,63% desses (as) profissionais concluíram a sua graduação em Instituição de Ensino Público e 36,36% em Instituição de Ensino Privado.

Em relação à continuidade da formação profissional mesmo tendo uma concentração em jovens recém-formadas (os) ou formadas (os) nos últimos 05 anos, verificamos que tanto os (as) profissionais de formação recente quanto os mais antigos fazem uma capacitação continuada. Identificamos também que 27,27% somente possuem graduação em Serviço Social e 72,72% já fizeram pós-graduação ou alguma especialização voltada para a área da saúde.

Dessa forma, entre os/as profissionais pesquisados(as) há um movimento de qualificação, que conforme o código de 1993 Art. 2º- constituem direitos do/da assistente social: *aprimoramento profissional de forma contínua, colocando-o a serviço dos princípios deste Código*. Porém, **contraditoriamente verifica-se que esta capacitação está circunscrita e voltada para uma resposta imediata ao espaço sócio-ocupacional sem uma percepção mais ampla do debate atual do serviço social que vem construindo diversos posicionamentos que tem revestido-se em discussões de aprofundamento teórico e constituição de resoluções pelo CFESS que são postas ao exercício profissional**. No caso do nosso objeto em específico não verificamos, por

exemplo, preocupações, sistematizações e estudos voltados à privatização da saúde e no caso recente do HUB – UnB a sua privatização¹² e o impacto disso para a prestação do serviço voltada a população e para o trabalho dos/das profissionais na área em especial o/a assistente social.

A observação anteriormente posta pode ser claramente verificada quando vemos os campos de realização e sua concentração nas capacitações feitas pelos (as) profissionais de serviço social:

- Residência Multiprofissional;
- Serviço Social em Oncologia;
- Gestão hospitalar e gestão de políticas públicas;
- Saúde do Idoso;
- Psicoterapia de Grupo;
- Especialização de saúde baseado em evidências;
- Metodologia da Investigação;
- Especialização da Família.

Deste modo, paradoxalmente fazendo o necessário aprofundamento de conhecimentos mais específicos que dão suporte a área na qual esta inserido com uma visão de maior competência e eficiência ao seu agir profissional, (uma vez que é ganho desta profissão a formação generalista que não fica a mercê dos modismo do mercado) cabe observar que os eixos de concentração das capacitações realizadas e acima destacadas o/a profissional está buscando em sua maioria subsídios para a atuação cada vez mais micro-referenciados ficando pois presos ao seu cotidiano profissional.

Os temas revelam em linhas gerais uma busca do "como fazer" seja por meio de metodologias, especialização de saúde baseada em evidências e o que é mais grave psicoterapia de grupo. Questionamo-nos, pois se estas formas de garantir uma inserção profissional mais qualificada possibilitam a estes profissionais um desligamento do mesmo evitando assim as ações pragmáticas e imediatas sem um aprofundamento mais crítico e consciente e não levando em conta a totalidade dos fenômenos que aparecem

¹² A criação da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH), destinada à administração dos hospitais universitários federais, continua dividindo opiniões dos reitores e dos diretores dessas unidades de saúde no país, apesar dos debates, fóruns e das mobilizações que aconteceram ao longo de 2011, retomadas neste começo de ano. A Lei nº 12.550 - que autorizou a criação da empresa e foi sancionada pela presidente Dilma Rousseff em 15 de dezembro ainda acirra grandes discussões na comunidade acadêmica, classe política, entre os profissionais da Saúde e população usuária, que temem pela privatização dos serviços prestados nos Hospitais Universitários e pela perda de autonomia das universidades.

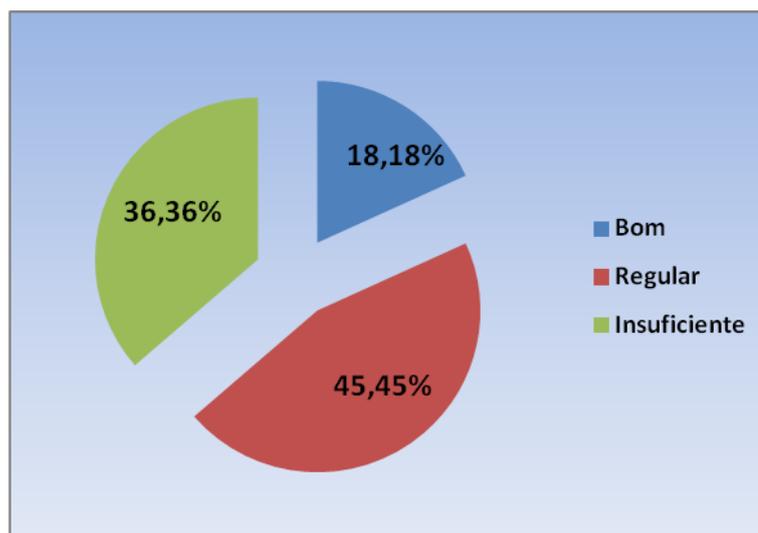
em cada situação precisa, desvinculado da esfera humano-genérica por não haver uma elevação acima da cotidianidade.

Assim Guerra (2007) argumenta que:

A lógica mercadológica que perpassa os serviços sociais, junto com as políticas sociais, passa a se constituir a própria racionalidade que orienta o exercício profissional, configurando concepções de eficácia, produtividade, competência, de acordo com as exigências do mundo burguês para a acumulação/valorização do capital. Na análise destas condições depreende-se que há uma interferência da lógica do capital na forma, no *modus operandi*, no conteúdo e no resultado do exercício profissional, que se limita, em muitos casos, ao cumprimento de rotinas burocráticas e de metas institucionais, influenciando nas funções, qualidade e competência do trabalho profissional, estabelecendo normas específicas e, até mesmo, à luz da lógica mercadológica, define-se as necessidades de capacitação, o ritmo e a intensidade do trabalho e os recursos (técnicos, financeiros, institucionais) disponíveis para a realização das ações profissionais (págs. 7-8).

Em relação às condições de trabalho no HUB, identificamos que 45,45% dos/das profissionais acham o espaço físico regular, 36,36% insuficiente e 18,18% bom. Isso pode ser identificado no Gráfico abaixo:

Gráfico 02: Condições de Trabalho no HUB



Fonte: Questionários Aplicados com os/as profissionais de Serviço Social do Hospital Universitário – HUB, 2012.

É sabido por nós e acompanhado com grande preocupação o sucateamento que a política de saúde e o sistema único de saúde vêm passando no país desde a ditadura militar, sendo que nesta a abertura ao capital privado para esse setor marca o peso do não investimento na coisa pública.

Quando pensamos no trabalho do (a) assistente social, necessariamente temos que levar sempre em consideração as condições de trabalho como um determinante importante para pensar a qualidade do serviço prestado, bem como seu raio de atuação, etc. o gráfico acima revela claramente essa realidade.

Além disso, obtivemos em relação aos recursos materiais, as mesmas porcentagens demonstradas no Gráfico 02. Já em relação aos recursos humanos obtivemos 27,27% bom, 18,18% regular e 54,54% insuficiente.

Dessa forma, podemos observar que um dos limites e dificuldades para a atuação dos/das assistentes sociais do HUB está intimamente vinculado aos recursos materiais para um atendimento qualificado, há também falta de espaço físico adequado para que se possa garantir o *art.15 do código de ética profissional que se refere ao sigilo profissional*. Outro dado importante é a falta de recursos humanos, pois os/as profissionais entrevistados (as) questionam sobre a falta de profissionais o que poderia melhor atender em qualidade e quantidade os usuários. Isso fica expresso nos depoimentos abaixo:

“Falta de estrutura física e material de trabalho” (entrevistado/a A).

“Espaço físico inadequado; recursos humanos escasso” (entrevistado/a B).

“Número reduzido de assistentes sociais; espaço físico adequado” (entrevistado/a C).

“A equipe disciplinar é pequena” (entrevistado/a D).

“A falta de material, espaço físico e principalmente de recursos humanos. Trabalhamos sobrecarregados em dois ou mais programas de alta complexidade por não contar c/ um número mínimo de profissionais” (entrevistado/a E).

Entretanto, os/as profissionais por meios próprios buscam alternativas para superar estas dificuldades, fazendo debates entre eles/as, com outros profissionais da instituição, com a academia por meio da supervisão de estágio, participando de seminários e congressos e entre outros.

Tal afirmativa é comprovada na seguinte fala:

“Articulação dos profissionais e estudantes que atuam no HUB para a conquista de direitos às categorias profissionais e estudantis e para a população usuária do SUS, junto a movimentos sociais e representantes da classe trabalhadora, exigindo direitos sociais que vão em contraponto a atual ordem hegemônica. A luta não pode ser pontual, cooperativista, mas deve atender aos amplos segmentos da sociedade, sobretudo os grupos/classes mais vitimizados. É atender aos princípios de nosso ordenamento ético, liberdade, democracia, socialização da riqueza produzida e apropriada pela elite, transformação/inversão da ordem social. A participação do usuário também é fundamental enfim, a resposta para essa questão não é tão simples” (entrevistado/a G).

Porém, mais uma vez nos confrontamos com a questão do cotidiano profissional, pois não havendo um ambiente de qualidade para a execução do exercício profissional, poucos profissionais para atender e responder as demandas, os/as assistentes sociais acabam ficando presos/as a ações imediatas que respondem aquela demanda de maneira superficial sem que haja uma maior percepção da essência daquele determinado fenômeno.

Dessa forma, mais uma vez identificamos como necessário que o exercício profissional seja orientado por um projeto profissional crítico que elenque a partir de um conjunto de referências teórico-metodológicas, ético-políticas dentro da direção social da profissão as abordagens técnico-operativas para a qualificação e enriquecimento do agir profissional.

Neste sentido, a construção de projetos profissionais críticos segundo Netto:

“apresentam a auto-imagem de uma profissão, elegem os valores que a legitimam socialmente, delimitam e priorizam os seus objetivos e funções, formulam os requisitos (teóricos, institucionais e práticos) para o seu exercício, prescrevem normas para o comportamento dos profissionais e estabelecem as balizas da sua relação com os usuários de seus serviços, com as outras profissões e com as organizações e instituições sociais privadas e públicas (dentre estas, também e destacadamente com o Estado, ao qual coube, historicamente, o reconhecimento jurídico dos estatutos profissionais)” (NETTO apud GUERRA, 2007, págs. 15- 16).

Dessa forma, a escolha certa dos aportes teóricos e do método, como uma relação indispensável e constituinte entre sujeito e objeto do conhecimento é um passo imprescindível ao profissional.

Assim Guerra (2007) argumenta:

Os projetos profissionais devem necessariamente incorporar as necessidades, os valores, anseios universais, referentes à sociedade, representando-os, para o que tem que conhecê-los. Isso reforça a dimensão intelectual do projeto profissional que demanda um profissional que tenha um rigoroso domínio teórico-metodológico e que adote uma postura investigativa visando apanhar as tendências do desenvolvimento histórico. Para tanto, deve pautar-se numa teoria crítica e inclusiva que busque compreender a sociedade capitalista para além da sua aparente naturalidade, suposta liberdade e igualdade formal de condições, como o único e último modo de produção social, mas, ao contrário, que faça a crítica ontológica do cotidiano: apreenda sua crise estrutural e possibilidades de sua transformação social, do que decorre a necessidade de se estabelecer uma intervenção consciente e sistemática nas contradições geradas pelo movimento da realidade pela via das suas mediações (pág. 16).

Em relação às legislações profissionais, os/as profissionais reconhecem a necessidade e a importância para a sua atuação profissional o conhecimento das mesmas, porém poucos colocam o conhecimento das legislações como forma de viabilização ao acesso a direitos e sim como uma mera execução da sua atuação profissional.

Tal afirmativa pode ser comprovada com as seguintes respostas:

“Orientam a minha atuação profissional” (entrevistado/a C).

“Essas legislações norteiam a atuação profissional, assim como o projeto éticopolítico” (entrevistado/a E).

“Para atuar de maneira coerente com as outras equipes e principalmente atuar de forma interdisciplinar” (entrevistado/a H).

“Sem elas não temos como embassar nossas orientações e emc/. Dos usuários e desenvolver as atividades em equipe multiprofissional” (entrevistado/a I).

“São a base para o exercício da profissão/ área atuação” (entrevistado/a J).

“É a base para a profissão” (entrevistado/a L).

Outro fator observado é que mesmo tendo como importante a capacitação continuada para esses/as profissionais, verificamos que há uma certa incompreensão acerca do que é teoria e o que é prática, visto que apareceram dificuldades em captar a essência dessa relação.

Quando perguntado o que seria Teoria, obtivemos dos profissionais entrevistados as seguintes respostas:

“É a reprodução da realidade “ideal”. É a problematização pela reflexão cotidiana”. (entrevistado/a A).

“Conjunto de conhecimentos que propõe a explicação da realidade social e que se aproveita a atividade prática” (entrevistado/a B).

“É o nosso conhecimento adquirido através do processo de aprendizado” (entrevistado/a C).

“O conjunto da produção do conhecimento acumulado no exercício de uma atividade profissional” (entrevistado/a D).

“É o conhecimento adquirido para além do senso comum que permite o aprofundamento em determinada área” (entrevistado/a E).

“Legislações” (entrevistado/a F).

Já em relação à Prática obtivemos as respostas a seguir:

“É a teoria em ação” (Entrevistado/a A).

“É construir proposta de trabalho, não só executar” (entrevistado/a B).

“São todas as atividades que desempenho” (entrevistado/a C).

“A atuação socioprofissional, uma forma de ser característica da atividade amparadas em leis específicas” (entrevistado/a D).

“É a aplicação da teoria articuladamente com determinada realidade e suas especificidades” (entrevistado/a E).

“Tentar aplicar as legislações” (entrevistado/a F).

Deste modo, entendemos que em sua maioria os profissionais pesquisados não apresentam uma compreensão clara do que seja teoria e do que seja prática o que tende a rebater na relação mediada entre estas duas dimensões.

Quando é apontado que a teoria é um conjunto de “legislações”, por exemplo, a dimensão teórica que no caso do Serviço Social constitui-se a base de fundamentação para a ação profissional é destituída da capacidade necessária que deve ter como alimento que possibilita ao profissional uma compreensão crítica da realidade social e do espaço sócio-ocupacional no qual se realiza a sua prática. Na carência dessa dimensão teórica a ação tende a tornar-se muito imediata e pouco refletida o que implicará num empobrecimento da realização da dimensão técnico-operativa. Tão verdadeira é esta afirmação que quanto o/a entrevistado/a (A) responde qual seu entendimento de prática ele/ela a define “como teoria em ação”, o que conforme vimos trabalhando ao longo deste trabalho de conclusão de curso não é uma compreensão dentro da diretriz hegemônica na profissão de Serviço Social hoje e que norteia a formação profissional em Serviço Social e norteia os parâmetros normativos que traçam os horizontes e princípios para o exercício profissional. Ou seja, a teoria não é aplicável na prática numa relação direta, como que “uma receita” que precisa ser seguida para alcançar um “X” resultado ao final.

Em contrário, a teoria apresenta os elementos de fundamentação que precisa ser mediado pelo sujeito profissional a partir das especificidades com as quais se defronta para o desenvolvimento da sua prática. E ao percebermos que profissionais em pleno exercício profissional ainda não captaram a essência dessa relação pode representar resquícios de uma fragilidade de fundamentação teórico-metodológica que decorre em fragilidades técnico-operativas, justamente porque na ausência de inter-relação com a dimensão teórico-metodológico a dimensão técnico-operativa tende a ser restrita a mera realização de procedimentos ou aplicação de técnicas destituídas da sua dimensão de intencionalidade que é o sujeito profissional quem lhe confere.

Dessa forma, entendemos que a necessidade aqui posta é da retomada da importância da capacitação continuada que é um dever profissional na medida em que implica na qualidade dos serviços prestados. Como princípio para o exercício só podemos desenvolver com qualidade nossos serviços quando possuímos aprofundamento quanto à compreensão das dimensões que atravessam o espaço da intervenção profissional, compreensão esta que remete necessariamente a um aporte teórico crítico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como finalidade verificar se e como os/as assistentes sociais do HUB apreendem a relação teoria e prática no seu cotidiano profissional. Verificamos em nossa pesquisa que a discussão da relação teoria e prática no Serviço Social apresenta diversas problemáticas, mas ao mesmo tempo temos poucas produções que façam essa discussão sobre a ótica da perspectiva marxiana. Nesse sentido, entendemos os limites de um Trabalho de Conclusão de Curso, mas esperamos que com a sistematização aqui apresentada possamos minimamente contribuir com este debate, tão relevante para o exercício profissional.

No debate teórico do Serviço Social brasileiro, ao longo dos anos 1980 e 1990, consolida-se uma base da interpretação sobre a profissão que localiza a produção como sendo realizada socialmente, ou seja, como atividade social (Iamamoto e Carvalho, 1995, p. 29), e que possibilita ao debate profissional localizar a especificidade histórica da ordem burguesa, cujas relações sociais perdem a sua real processualidade através dos mecanismos de reificação que ela engendra.

A grande problemática que identificamos na nossa pesquisa foi certa incompreensão em relação à teoria e a prática. A teoria pode qualificar uma prática como crítica, isto é, não repetitiva, não espontânea e pensada; a prática, por sua vez, exige uma teorização concreta, não abstrata, ou seja, debruçada sobre os temas cruciais para a profissão em um dado momento histórico. Embora a intervenção profissional ocorra através de ações práticas, essa última somente potencializa seu lado transformador e propositivo se estiver acompanhada por um apoio teórico consistente. Por outro lado, a teoria se materializa quando se volta para temas concretos que a realidade lhe impõe, propondo alternativas a partir das condições históricas já existentes. Somente assim é possível pensar em uma relação entre teoria e prática que não subestime ou supervalorize o papel dessas duas dimensões, realçando seu potencial transformador e revolucionário, como “concreto pensado”, através da práxis.

Por isso, quando nossa pesquisa identifica tensões postas seja pelas condições objetivas para realização do exercício profissional, e, ao mesmo tempo uma movimentação dos profissionais para capacitar-se sem suspenderem do cotidiano disto resulta uma fragilização da fundamentação teórico-metodológica que decorre em fragilidades técnico-operativas, justamente porque a ausência dessa relação a dimensão

técnico-operativa tende a ser restrita a mera realização de procedimentos ou aplicação de técnicas destituindo a ação da teleologia que é conferida pelo sujeito profissional.

Dessa forma identificamos que é cada vez mais premente para o exercício profissional aquilo que Lukács vai conceituar como “suspensão do cotidiano”. Com isso estamos dizendo que o exercício profissional também constitui um campo de cotidianidade que pode comprometer a capacidade do profissional em perceber criticamente seu espaço de intervenção. Ao mesmo tempo, a importância da capacitação continuada para a construção de uma ação comprometida com os interesses dos usuários de forma que os serviços prestados sejam executados com absoluta qualidade e competência, deve superar o retorno imediato e ser capaz de continuar contribuindo para o desenvolvimento de competências e habilidades críticas diante das rotinas institucionais. Dessa forma, entendemos que essa competência não é algo pronto e acabado, mas sim uma experiência gradual e compartilhada pelas circunstâncias e condições de trabalho do profissional de Serviço Social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABEPSS. A metodologia no Serviço Social. Cadernos ABESS. São Paulo: Cortez, 1989. N.º 3.
- ABESS (1997). Formação Profissional: Trajetórias e Desafios, Caderno ABESS, N.º. 07 São Paulo: Cortez.
- ABEPSS. Pesquisa Avaliativa da Implementação das Diretrizes Curriculares do Curso de Serviço Social. Recife: ABEPSS.
- ANDRADE, Glória Maria. HUB – 30 anos sua história, sua missão. s/ano. Mimeo.
- BATTINI, Odária. Atitude investigativa e formação profissional: a falsa dicotomia. IN: Serviço Social e sociedade. N-45. Ano XV. Agosto 1994.
- BARROCO, Maria Lucia Silva. Ética e Serviço Social: fundamentos ontológicos- 7. Ed.- São Paulo, Cortez, 2008.
- _____ Fundamentos éticos do serviço social. IN: Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais. – Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.
- Código de ética do/a assistente social. Lei 8.662/93 de regulamentação da profissão. – 9. d. Ver. E atual. – [Brasília]: Conselho Federal de Serviço Social, [2011].
- FRAGA, Cristina Kologeski. A atitude investigativa no trabalho do assistente social. IN: Serviço Social e Sociedade- n. 101- Janeiro/ Março 2010.
- GUERRA, Yolanda. A instrumentalidade do serviço social-. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- _____O Projeto Profissional Crítico: estratégia de enfrentamento das condições contemporâneas da prática profissional. IN Serviço Social e sociedade- n. 91 – Ano XXVIII – Setembro 2007.
- HELLER, Agnes. O cotidiano e a História. 3. ED.Rio de Janeiro: Paz e Terra,1989
- IAMAMOTO, Marilda Villela. Serviço social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- _____O serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional. 17. Ed. São Paulo, Cortez, 2009.
- _____; CARVALHO, Raul de. Relações Sociais e serviço social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica. 29. Ed. São Paulo: Cortez, celats, 2009.

JESUS, Ana Cláudia Oliveira de. E SOUSA, Adrianyce de. (2011). Serviço Social e trabalho: uma análise do debate teórico acerca da categoria trabalho no curso de Serviço Social da UnB. Artigo apresentado ao programa de iniciação científica da UnB em 13 de setembro de 2011.

KAMEYAMA, Nobuco. Metodologia: uma questão em questão. IN Cadernos ABESS. São Paulo: Cortez, 1989. Nº. 3.

KOPNIN, P.V. A dialética como lógica e teoria do conhecimento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

KOSIK, Karel. Dialética do Concreto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

KRUSE, Herman C. Para a práxis libertadora do serviço social no ano 2000. IN: Serviço Social & Sociedade. Ano VII. Nº 20. Abril de 1986.

MARX, K. O Capital. Livro III. Vol. VI. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1980.

MARX, K. e ENGELS, F. A ideologia alemã. Trad. Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARTINELLI, M. L. *Serviço Social: identidade e alienação*. São Paulo: Cortez, 1990.

_____. Um novo olhar para a questão dos instrumentais técnicos-operativos em Serviço Social. IN: MARTINELLI, Maria Lúcia e KOUMROUYAN Elza. Serviço Social. N -45. Ano XV. Agosto 1994.

MOTA, Ana Elizabeth. Serviço Social e Saúde. São Paulo: OPAS, OMS, Ministério da Saúde, 2006.

MOTA, Ana Elizabeth e AMARAL, Ângela Santana do. A reestruturação produtiva e as novas modalidades de subordinação do trabalho. São Paulo: Cortez, 1998.

NETTO, José Paulo. Ditadura e Serviço Social: uma análise do serviço social no Brasil pós-64 São Paulo: Cortez, 2009.

_____. "Notas para a Discussão da Sistematização da Prática e Teoria em Serviço Social". In: Caderno Abess n.3 – A Metodologia no Serviço Social. São Paulo: Cortez Editora, 1989.

_____. Capitalismo Monopolista e Serviço Social. São Paulo: Cortez, 2009. 7ª Ed.

_____. Para a crítica da vida cotidiana. In: NETTO, J. P. e CARVALHO, M. C. B. Cotidiano: conhecimento e crítica. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. Introdução ao método da teoria social. In: Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

QUIROGA, C. Invasão positivista no marxismo: manifestações no ensino da metodologia no Serviço social. São Paulo: Cortez, 1991.

Revista Trimestral de Serviço Social. Ano XXVIII- n. 91- Setembro 2007.

Revista multidisciplinar nº 07 – junho de 2009 / issn 1980-5950

SOUSA, Adrianyce. Os rebatimentos do pensamento pós-moderno no projeto profissional do Serviço Social Brasileiro. In: Anais do XII Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, 2010.

SETUBAL, Aglair Alencar. Do sincretismo da prática à prática sem sincretismo. IN: Serviço Social e Sociedade Ano XIV Dezembro de 1993.

SANTOS, Cláudia Mônica. “Na Prática a Teoria é Outra?”. Rio de Janeiro: Lumem Júris, 2010.

_____ Os instrumentos e técnicas: mitos e dilemas na formação profissional do assistente social no Brasil. – Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

SODRÉ, Francis. Serviço Social e o campo da saúde: para além de plantões e encaminhamentos. IN: Serviço Social e Sociedade. N- 103- Julho/ Setembro 2010.

SANTOS, Josiane Soares Neoconservadorismo pós-moderno e serviço social brasileiro. São Paulo: Cortez, 2007.

SIMIONATTO, Ivete. Expressões ideoculturais da crise capitalista na atualidade e sua influência teórico-prática. IN: Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais. – Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

Serviço Social & Realidade, Franca, páginas: 55-78, 2004.

TRIVINOS, Augusto Silva. A dialética materialista e a prática social. Porto alegre. Páginas. 121-142 maio/agosto de 2006.

VÁZQUEZ, Sánchez Adolfo. Filosofia da Práxis. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1977.

Bibliografia Consultada em Site

Ebserh pode ser solução? Disponível em <<http://www.hub.unb.br/noticias/bancodenoticias/280312+artigo+ebserh+pode+ser+solucao.html>> Acesso em 24 de setembro de 2012.

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA. Disponível em:

<http://www.hub.unb.br/institucional.html>. Acesso em 27 de Junho de 2012.

Apêndices

Apêndice 01



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a),

Vimos através deste convidá-lo(a) a participar da pesquisa intitulada “A relação teoria e prática no cotidiano profissional das/dos Assistentes Sociais do HUB”, de autoria de Ana Cláudia Oliveira de Jesus – Matrícula 10/58568 –, graduanda em Serviço Social pela Universidade de Brasília (UnB), sob orientação da Prof^a. Dr^a. Adrianyce Angélica de Sousa. Temos como objetivo geral analisar se e/ou como os/as assistentes sociais do Hospital Universitário de Brasília- HUB apreendem a relação teoria e prática no seu cotidiano profissional. Sua participação é de fundamental importância para o colhimento de informações e para a problematização da questão dos elementos procedimentais específicos do Serviço Social mobilizados no trabalho profissional na área da saúde.

Para tanto, ressaltamos que a sua participação no presente estudo não é obrigatória e que a qualquer momento, por qualquer motivo, o(a) senhor(a) poderá interromper o andamento da entrevista. A preservação de sua identidade será rigorosamente mantida e a discussão da coleta de dados servirá puramente para fins acadêmicos. Ao final da análise de dados, todas as anotações referentes à entrevista serão destruídas.

Os resultados da pesquisa serão apresentados à professora orientadora e à banca examinadora desta estudante pesquisadora. Poderão ser submetidos à participante, caso seja de sua vontade recebê-los através do envio ao seu email pessoal. Quaisquer dúvidas antes, durante ou após a entrevista serão devidamente esclarecida pela estudante pesquisadora responsável.

Assim, se o senhor(a) aceitar o convite para ser partícipe da pesquisa, por favor, preencha os espaços abaixo:

Declaro ter sido devidamente esclarecida do projeto de pesquisa e estou de acordo em participar voluntariamente do estudo;

Nome/Assinatura: _____ . RG: _____ .

Email: _____ .

Local e data: _____, _____ de _____ de 2012.

O presente projeto de pesquisa foi revisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de
Ciência Humanas (CEP/IH) da UnB - E-mail: cep_ih@unb.br

69

Para maiores informações, entrar em contato com a estudante pesquisadora responsável por
esta pesquisa, Ana Cláudia Oliveira de Jesus.

Apêndice 02



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – IH
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL – SER

Título do Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso: A relação teoria e prática no cotidiano profissional das Assistentes Sociais do HUB

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Adrianyce de Sousa

QUESTIONÁRIO

1- Perfil e formação acadêmico-profissional:

1. Ano de conclusão da graduação e local/instituição:
_____ / _____.

2. Nível de formação atual:

Somente graduação em serviço Social;

Especialização _____ ano _____ completo incompleto
em:

Mestrado em: _____ ano _____ completo incompleto

Doutorado em: _____ ano _____ completo incompleto

Outra graduação _____ ano _____ completo incompleto
em:

Outro _____ ano _____ completo incompleto

3. Faixa etária: _____.

25 a 30 anos;

31 a 35 anos;

36 a 40 anos;

- () 41 a 45 anos;
- () 45 anos ou mais.

4. Ingresso na Instituição: () concurso; () outra. Especificar:

_____.

5. Faz curso de capacitação? Se sim, especificar:

_____.

2 – Atuação Profissional

1. Como você avalia as suas condições de trabalho, no HUB, em relação:

- a) Espaço físico: () ótimo; () bom/satisfatório; () regular; () insuficiente.
- b) Recursos materiais: () ótimo; () bom/satisfatório; () regular; () insuficiente.
- c) Recursos humanos: () ótimo; () bom/satisfatório; () regular; () insuficiente

2. Quais são as ações que a instituição demanda para o trabalho do Serviço Social?

2.1. Na sua avaliação, estas atribuições postas pela instituição ao Serviço Social são condizentes com as competências e habilidades profissionais do assistente social?

- () Sim
- () Não.

Por quê?

3- Como é a dinâmica de atendimento aos usuários que buscam o Serviço Social?

4- Quais as dificuldades que você enfrenta na instituição para realização do seu trabalho?

5- Você busca aperfeiçoamento/qualificação para fazer o desenvolvimento do seu trabalho?

Sim ()

Não ()

Por quê?

6- Quais as legislações profissionais que você conhece?

() Lei de Regulamentação da Profissão

() Código de Ética Profissional

() Legislações do CFESS

Outros

6.1- Você considera importante para a sua atuação profissional o conhecimento das mesmas?

Sim ()

Não ()

Por quê?

7- No seu entendimento o que é teoria?

8- No seu entendimento o que é prática?

9- Na sua avaliação a formação em Serviço Social garante subsídios teóricos para sua análise e intervenção na realidade?

10- Você avalia que no seu cotidiano profissional você consegue articular os fundamentos teóricos e técnico operativo de maneira a garantir as diretrizes presentes no projeto ético-político profissional?

()Sim

()Não

Por quê?

11- Você avalia que os instrumentos e técnicas são importantes para a realização do trabalho profissional?

12- Você pode listar e discorrer quais são os instrumentos e técnicas mobilizados por você na sua prática profissional?

- () Sim,
 - () Não.
- Quais?

13- Quais os limites e possibilidades dos serviços prestados pelo Serviço Social a população usuária?

14- Na sua avaliação quais as alternativas que você verifica como possibilidades para superar essas dificuldades?

